



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ANA PATRICIA BARBOSA DE SOUSA

**MEMÓRIA MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO
ESTADO DO CEARÁ: relatos orais mnemônicos suscitados a partir dos registros
fotográficos impressos (1989-2010)**

Recife
2019

ANA PATRICIA BARBOSA DE SOUSA

**MEMÓRIA MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO
ESTADO DO CEARÁ: relatos orais mnemônicos suscitados a partir dos registros
fotográficos impressos (1989-2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leilah Santiago Bufrem

Coorientador: Prof^o. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Andréa Carla Melo Marinho, CRB-4/1667

S725r Sousa, Ana Patricia Barbosa de
Memória Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado do Ceará: relatos orais mnemônicos suscitados a partir dos registros fotográficos impressos (1989-2010) / Ana Patricia Barbosa de Sousa. – Recife, 2019.
88f.: il.

Orientadora: Leilah Santiago Bufrem.
Coorientador: Fábio Mascarenhas e Silva
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2019.

Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Memória. 2. Preservação. 3. Fotografia. 4. Relatos orais. 5. MST. I. Bufrem, Leilah Santiago (Orientadora). II. Silva, Fábio Mascarenhas e (Coorientador). III. Título.

ANA PATRICIA BARBOSA DE SOUSA

**MEMÓRIA MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO
ESTADO DO CEARÁ: relatos orais mnemônicos suscitados a partir dos registros
fotográficos impressos (1989-2010)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 26/ 02/ 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Leilah Santiago Bufrem (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva (Coorientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Marcos Gehrke (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Centro-Oeste

À minha mãe Miriam Barbosa e minha avó Maria das Dores (ou Dona Dorinha), mulheres pelas quais tenho um amor imenso, que sempre me inspiraram pela força e resistência, minha base na vida, motivo pelo qual me fazem continuar seguindo, se não fosse por todo seu apoio não seria a primeira pós-graduada, a nível de Mestrado, da família e da nossa comunidade em que residimos, onde o acesso à universidade pública é restrito.

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por tanto sangue e lágrimas derramadas ao romper as cercas não só da terra, mas as cercas do preconceito e da exploração ao ocupar, resistir e produzir, na luta pela Reforma Agrária Popular e por um Projeto Popular para o Brasil.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Miriam Barbosa de Sousa e minha avó Maria Das Dores Barbosa por serem meu exemplo de sensatez, garra e resistência, pelo amor, apoio, paciência, dedicação e toda confiança depositada em mim, estando sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis.

Aos meus orientadores maravilhosos Leilah Bufrem e Fábio Mascarenhas pelo apoio, por tamanha paciência, compreensão, confiança e dedicação, diante de tantos percalços na escrita e finalização deste trabalho. E sempre com uma disponibilidade incomparável a qualquer hora e qualquer dia. Agradeço muito por tudo!

Ao meu primo Francisco Augusto Nobre por todo apoio e confiança, pelo acolhimento em seu lar, no início da vida acadêmica, na graduação.

À Gracy Kelli Martins, orientadora na graduação, me proporcionou o crescimento acadêmico com toda a sua atenção não só durante o processo de finalização do Trabalho de Conclusão de Curso (quando iniciei esta pesquisa), mas seu apoio e atenção dados, mesmo depois, contribuição imensa na continuação da vida acadêmica e profissional.

Ao Meu avô materno, Abílio Pires Barbosa pelo apoio e carinho nos momentos mais difíceis.

A minha avó paterna Maria Vieira pelo carinho.

A meus primos Tauã Sousa e João Pedro, amores e luz da minha vida.

Ao meu irmão Fernando Sousa pelo carinho e compreensão.

À minha tia avó Santinha e à prima Augusta Nobre, pelas palavras de apoio e carinho.

Aos meus tios, tias, primos, primas pelo apoio e por acreditarem na minha capacidade e alcançar os objetivos.

À minha amiga, companheira de luta e de casa Laila Costa pelo apoio, companheirismo, conselhos e risadas, quando tudo parecia dar errado e por aguentar ouvir tantos “choringos” nessa fase de instabilidade tanto emocional, quanto profissional.

À Jane, Victor Figueiredo e Andreia Campigotto, por todo o carinho, compartilhamentos, desabafos, companheirismos e que ajudaram direta e indiretamente no processo de adaptação ao chegar em Recife.

À Lili Alves, amizade também construída em Recife, pelo apoio, por me ouvir sempre, acreditar e dar força em momentos de angústia, agradeço pelo amor e carinho compartilhados.

Às amigas de infância Jéssica Gama Pinto e Naiane Lessa por tantas lágrimas e sorrisos compartilhados nesses anos todos e por me ajudarem a ser mais forte a cada obstáculo, apesar da distância de tantos anos sem a convivência diária.

À Vitória Gomes e Thaís Pereira por todo apoio, companheirismo, compreensão, conselhos e por estarem ao meu lado nos momentos difíceis e de grandes conquistas, e por existir sempre esse apoio mútuo mesmo com a distância.

Às companheiras e companheiros do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra do Ceará pela confiança para realização da minha pesquisa.

Aos companheiros Aline Oliveira e Erius Tiaraju (Erandidir) - fotógrafos do MST Ceará – por todo o acolhimento e confiança, foram fundamentais para o início e prosseguimento da pesquisa.

À Margarida Oliveira e Jaque Lobo Castro, companheiras queridas do Movimento e amizades construídas ao longo da fase de campo da pesquisa, pelo carinho, por todo o acolhimento, disponibilidade, apoio e pelas risadas tornando essa fase mais leve mesmo nas situações de preocupação com o andamento da pesquisa.

Às companheiras e companheiros: Maria Lima, Lourdes, Maria de Jesus, Neném, Zé Ricardo e Erandidir, que me receberam e me acolheram tão prontamente ao serem entrevistados para a coleta de dados, mesmo com minutos ou horas contadas no entremeio de tantas tarefas da militância. E ao companheiro Gene Santos pela prontidão em ajudar com material bibliográfico ou qualquer dúvida sobre o Movimento.

Às companheiras e companheiros da Consulta Popular, Levante Popular da Juventude e Marcha Mundial das Mulheres que proporcionaram meu amadurecimento pessoal e político, ao iniciar a militância.

E por fim e não menos importante:

À minha turma de mestrado PPGCI-UFPE 2017, “Turma do Amor”, ao fazer jus ao nome, agradeço por tanto amor sempre nas aulas, corredores e grupo do WhatsApp, todos sempre apoiando uns aos outros.

À Rúbia Wanessa, pela amizade construída ao dividir a casa no início do mestrado, agradeço pelos compartilhamentos, conselhos e pelo apoio.

À Wilma Andrade, que desde o início do mestrado, desde a aflição ao fazer a segunda etapa da seleção do mestrado em 2016, pelo acolhimento, empatia, companheirismo, carinho e confiança e sempre tão solidária em momentos difíceis do estar longe de casa.

Ao Henry Widiner, pelas risadas e os “choros de pitangas” pelo CAC ou via WhatsApp quando não mais havia esperança, nem inspiração para escrita estávamos nos apoiando, nos ajudando e tentando fazer o outro acreditar que ia dar certo e que estávamos no caminho certo.

À Renata Santana pelo acolhimento, amizade e apoio e que com tamanha autenticidade deixa tudo mais leve e por arrancar sempre uma risada mesmo com a preocupação de prosseguimento e finalização da dissertação.

Aos colegas da Turma do doutorado 2017.2: Willian Melo, pelos conselhos, compartilhamentos, por me escutar e me aconselhar no momento mais difícil, pelas conversas que foram cruciais para o prosseguimento e avanço da pesquisa; e Márcio Henrique pelo carinho, palavras de conforto e conselhos antes e após a qualificação.

Às professoras e professores do PPGCI/UFPE, que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização desta pesquisa.

Aos professores membros da banca, Murilo Silveira e Marcos Gehrke, por tantas contribuições enriquecedoras e estarem sempre disponíveis e receptivos a qualquer contato.

À Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa.

Por fim, agradeço a todas e todos que contribuíram direta ou indiretamente no caminhar da pesquisa e na construção e finalização desta Dissertação, minhas sinceras gratulações.

Pátria Livre, venceremos!

MST, essa luta é pra valer!

Lutar, construir Reforma Agrária Popular!

E toda tentativa de pôr entre o povo

E a vitória, uma cerca,

Serão para nós um pé a mais para marchar. (ARAÚJO, 2018).

RESUMO

Objetiva reconstruir aspectos da memória social e coletiva do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) no estado do Ceará por meio de relatos orais mnemônicos suscitados a partir dos registros fotográficos impressos de 1989 a 2005, que refletem a luta do MST no estado, localizado na Secretaria Estadual do Movimento, na cidade de Fortaleza, Ceará, tendo a fotografia como instrumento de preservação da memória dos acontecimentos históricos e da luta do Movimento no estado. Identifica na literatura modos de contribuição dos relatos orais para a construção e reconstrução da memória individual, coletiva e social; destaca a fotografia enquanto registro e instrumento de preservação da memória; analisa o conteúdo do recorte escolhido das fotografias com o auxílio da narrativa fotográfica construída a partir dos relatos orais mnemônicos. Realiza um estudo de caso com dados coletados pela pesquisadora por observação direta e participante. Com o enfoque documental, identifica e analisa as fotografias que constituem o *corpus* desta pesquisa por intermédio de relatos orais obtidos por meio de entrevistas aplicadas aos membros do Movimento, com a solicitação de narrativas mediante às imagens apresentadas. Efetiva um recorte selecionando, junto aos participantes da pesquisa, seis fatos e/ou acontecimentos compreendidos no período de 1989 a 2005. Submete, posteriormente as fotografias à uma análise utilizando às categorias propostas por Souza (2009) para a análise de conjuntura: acontecimentos, cenários, atores, relações de força, articulação entre estrutura e conjuntura. Com a reunião e organização dessas narrativas elabora uma análise de conteúdo que se desdobra em três etapas fundamentais, conforme concepção de Bardin (2011): pré-análise, descrição analítica, interpretação e referencial. Em seguida, classifica e categoriza as fotografias com a orientação inicial voltada a dirigentes ou pessoas importantes, fatos e acontecimentos significativos para a construção do MST no estado do Ceará. Propõe um quadro analítico com as seguintes categorias: Pessoas, Ações, Eventos, Data e Local. Busca contribuir para a reconstrução e o fortalecimento da memória do MST no Ceará ao evidenciar os principais aspectos registrados da luta do Movimento, por meio dos relatos orais mnemônicos suscitados a partir dos registros fotográficos, aliados à narrativa fotográfica.

Palavras-chave: Memória. Preservação. Fotografia. Relatos orais. MST.

ABSTRACT

It aims to reconstruct aspects of the social and collective memory of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra in the state of Ceará through oral mnemonic reports from the photographic records printed from 1989 to 2005 that reflect the struggle of the MST in the state located in the State Secretariat of the Movement in the city of Fortaleza, Ceará, with photography as an instrument of preservation of the memory of historical events and of the struggle of the Movement in the state. It identifies in the literature modes of contribution of the oral reports for the construction and reconstruction of individual, collective and social memory; highlights photography as a record and instrument of memory preservation; analyzes the content of the chosen cut of the photographs with the aid of the photographic narrative constructed from the oral mnemonic reports. Carry out a case study with data collected by the researcher by direct and participant observation. With the documentary approach, it identifies and analyzes the photographs that constitute the corpus of this research through oral reports obtained through interviews applied to the members of the Movement, with the request of narratives through the images presented. Effective a clipping by selecting, together with the participants of the research, six facts and / or events comprised in the period from 1989 to 2005. Submission, later the photographs to an analysis using the categories proposed by Souza (2009) for the conjuncture analysis: events, scenarios, actors, relations of force, articulation between structure and conjuncture. With the meeting and organization of these narratives elaborates a content analysis that unfolds in three fundamental stages, according to Bardin's (2011) conception: pre-analysis, analytical description, interpretation and referential. Next, it classifies and categorizes the photographs with the initial orientation directed to leaders or important people, events and significant events for the construction of the MST in the state of Ceará. It proposes an analytical framework with the following categories: People, Actions, Events, Date and Place. It seeks to contribute to the reconstruction and strengthening of the memory of the MST in Ceará by highlighting the main recorded aspects of the struggle of the Movement, through the mnemonic oral reports arising from the photographic records, allied to the photographic narrative.

Keywords: Memory. Preservation. Photography. Oral reports. MST.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 –	Primeira Ocupação do MST Ceará: Assentamento de maio	25 59
Fotografia 2 –	I Encontro Estadual do MST Ceará	61
Fotografia 3 –	Ocupação SDR atual SDA	62
Fotografia 4 –	Corrente da Resistência: chegada da polícia	63
Fotografia 5 –	Solidariedade: união campo e cidade	64
Fotografia 6 –	Cerco do povo x cerco da polícia	65
Fotografia 7 –	Celebração da vitória: a conquista da resistência.....	65
Fotografia 8 –	Confraternização: a Reforma Agrária é uma luta de todos	66
Fotografia 9 –	Lourdes e Tereza: construção do Setor de Gênero no Ceará.....	67
Fotografia 10 –	Primeiros passos do debate de gênero: formação de homens, mulheres e crianças	69
Fotografia 11 –	I Encontro Regional das Mulheres Sem-terra.....	69
Fotografia 12 –	Velório Denir	70
Fotografia 13 –	Trabalhador Rural Sem-terra ferido: vítima da emboscada contra Denir	71
Fotografia 14 –	Trabalhadora Rural Sem-terra ferida: vítima da emboscada contra Denir.....	72
Fotografia 15 –	Marcha Nacional de 2005.....	73
Fotografia 16 –	Amanhecendo em Marcha.....	74
Fotografia 17 –	Quadrilha para animar a Marcha.....	74
Fotografia 18 –	Massacre do Eldorado dos Carajás.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Primeira Ocupação do MST Ceará: Assentamento 25 de maio..	45
Quadro 2 –	Objetivos e ações.....	46
Quadro 3 –	Quadro Analítico.....	52

LISTA DE SIGLAS

CCA	Cooperativa Central dos Assentados
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CONCRAB	Confederação Nacional das Cooperativas dos Assentamentos de Reforma Agrária do Brasil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENERA	Encontro Nacional dos Educadores da Reforma Agrária
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Ceará
MST	Movimento Trabalhadores Rurais Sem Terra
SDA	Secretaria de Desenvolvimento Agrário
SDR	Secretaria de Desenvolvimento Rural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E FOTOGRAFIA	24
2.1	Informação, memória e poder.....	27
2.2	Memória, documento, fotografia e cultura: relações	31
3	A TERRA PARA QUEM NELA TRABALHA E VIVE: BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	38
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
5	A NARRATIVA FOTOGRÁFICA EM FOCO.....	50
5.1	Assentamento 25 de Maio: a conquista da Terra Prometida.....	59
5.2	I Encontro Estadual do MST Ceará: conquista da assistência técnica aos trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra.....	60
5.3	Cerco da Bezerra: por Educação, Trabalho, Renda e Água.....	62
5.4	Criação do Setor de Gênero.....	68
5.5	Caso Denir.....	71
5.6	Marcha Nacional pela Reforma Agrária 2005: Goiânia à Brasília.....	73
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS.....	78
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS MILITANTES DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST).....	83
	APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE USO DA IMAGEM CONCEDIDA PELO SETOR DE COMUNICAÇÃO DO MOVIMENTOS DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NO ESTADO DO CEARÁ	84

ANEXO A – REGISTRO DO MASSACRE DO ELDORADO DOS CARAJÁS.....	85
ANEXO B – TABELA DE RESUMO DAS DIFERENÇAS ENTRE COOPERATIVA TRADICIONAL E COOPERATIVA DOS ASSENTAMENTOS.....	86
ANEXO C - LINHAS POLÍTICAS DE GÊNERO DO MST.....	87

1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem sido cenário de diversos tipos de manifestações, em que os movimentos sociais esperam ter suas opiniões e reivindicações ouvidas, de modo a influenciar melhorias nas políticas públicas, saúde, educação, segurança, arte e cultura, no campo e na cidade. Deste modo, nutrem-se interesses compartilhados, expressos por meio de protestos e mobilizações para propor mudanças necessárias nos diversos setores da sociedade.

Entre os movimentos sociais do Brasil que, por meio de reivindicações e lutas, buscam reformas e transformações por uma sociedade justa e igualitária, destaca-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), cujo histórico no país se inicia em 1984, e no estado do Ceará, desde 1989, lutando pela construção de uma sociedade sem explorador nem explorado; pela garantia de trabalho a todos, com justa distribuição de terra, renda e das riquezas; e pela igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais; na difusão dos valores humanistas e socialistas nas relações sociais; no combate a toda forma de discriminação e preconceito e pela articulação com as lutas internacionais contra o imperialismo e pelo socialismo. (MST, 2016).¹

O MST tem como principal bandeira a luta pela Reforma Agrária, desenvolvendo ações como ocupações², marchas e protestos com sua base social, trabalhadores acampados e assentados que constroem o Movimento³, e de entidades da classe trabalhadora, que reconhecendo a distribuição desigual da terra nacionalmente, veem a luta pela Reforma Agrária como uma necessidade para o país, compreendendo que a Reforma Agrária não é uma luta que traz benefícios apenas para os camponeses, mas, uma ação que visa a melhoria da vida dos que vivem nas cidades, com a produção de alimentos saudáveis e acessíveis aos

¹ Objetivos do MST retirados da Cartilha Normas Gerais e princípios organizativos do MST de 2016.

² Cabe aqui ressaltar a diferença entre “invasão” e “ocupação”: o termo invasão é na maioria das vezes usado pela imprensa para designar a entrada e o acampamento dos Sem-terra dentro de uma fazenda, porém é preciso esclarecer que a ocupação da área feita pelo Movimento se faz em área caracterizada como latifúndio por exploração, fazenda improdutiva. “Invadir” significa tomar alguma coisa de alguém em proveito particular, enquanto “ocupar”, preencher um espaço vazio, ou seja, terras que não cumpram sua **função social** (MORISSAWA, 2001).

³ Com letra maiúscula para representar a organização MST. (GERHKE, 2010).

trabalhadores e trabalhadoras, não consistindo em uma política isolada das demais transformações que o povo brasileiro necessita.⁴

Nesse contexto, pensar as práticas sociais é notar a rede de relações de vivência dos sujeitos sociais, comportamentos, costumes e ações construídas. E a memória está ligada a isso, no que diz respeito ao registro, preservação e perpetuação dos acontecimentos da história de um povo.

Pode-se inferir que a memória está vinculada ao papel que o sujeito exerce na sociedade, e seu comportamento se dá justamente pela sua relação com o mundo, o que possibilita a perpetuação dos costumes, crenças e valores do grupo social ao qual pertence. Os comportamentos se fazem na e pela relação do indivíduo com o mundo, algo como o “fio condutor” que através das lembranças, pode perpetuar os costumes, crenças, valores, enfim, a cultura do grupo social do qual faz parte.

Compreende-se, portanto, a memória como um produto de uma realidade social, composta, sobretudo de informações construídas, adquiridas, reconstruídas e acima de tudo transmitidas. Mas a memória também se refere a um processo ou “propriedade de conservar certas informações, que nos remetem primeiramente “a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Deste modo, é possível compreender a relação existente entre informação e memória, assumindo-se que a memória é produto das relações sociais, que se verifica na medida em que determinadas informações “que se referem ao passado de um grupo são reunidas e relacionadas entre si”, dando um sentido de “compartilhamento de passados” constantemente em construção (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 14).

No caso dos movimentos sociais, é importante a reconstrução, fortalecimento e preservação da memória “e de uma identidade coletivamente construída que possam se transformar em referência, dignificando o passado em favor do presente e do futuro” (CAVALCANTE, 2007, p. 196), para que não seja apagada a luta pelos direitos e reformas que provocaram e provocam transformações na sociedade.

⁴ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>.

No estado do Ceará, em Fortaleza, o MST mantém a Secretaria Estadual que cumpre a função de ponto de apoio do Movimento. Nela são realizadas a comunicação entre os demais assentamentos e acampamentos do MST no estado, a guarda dos materiais utilizados e demais documentos. Entre esses documentos encontra-se um importante acervo fotográfico impresso, que contém registros desde o início da luta do Movimento no estado (1989) até o ano de 2010. A partir de então, só existem fotos em meio virtual e digital, de acordo com o Setor de Comunicação.⁵

Essa descontinuidade provocada pelas inovações tecnológicas gerou a necessidade de preservação e representação da memória registrada em meio impresso, visto que esses documentos não passaram por qualquer modalidade de tratamento e de disseminação. São registros que retratam e refletem a luta do Movimento no estado e no país, fotografados por aqueles que vivenciaram os fatos e acontecimentos que marcaram a luta do Movimento, mas que só significam algo aos sujeitos dessa luta, ou seja, integrantes, militantes, assentados e acampados do MST Ceará. A maioria deles por se constituir em acervo físico, não foge às marcas do tempo, já havendo alguns registros deteriorados. Portanto, assim como alguns desses materiais já foram perdidos, pode-se perder ainda mais, o que resultaria no esquecimento e apagamento dessa memória se não houver a preservação desses registros.

Deste modo, com o auxílio de relatos mnemônicos orais dos participantes da pesquisa é possível trazer à tona essa memória. Ao ser evocada, relatada e registrada, ela dará voz e vez aos que vivenciaram os fatos registrados, que até então estavam apenas salvaguardados e acessados pelas pessoas que constituem o Movimento e que trabalham ou frequentam a Secretaria Estadual e o próprio Setor de Comunicação, onde se encontra o acervo. Acredita-se que por meio de relatos orais suscitados a partir desses registros constituintes do acervo, essa memória possa ser reconstruída e fortalecida. Toma-se como pressuposto que a fotografia, enquanto registro dos acontecimentos passados, veículo de transmissão e

⁵ O MST organiza-se em instâncias, dentre as quais existem os setores, para ter dinâmica e uma melhor divisão de tarefas para execução dos valores e objetivos por meio de atividades, formulação das linhas políticas e coesão nos debates defendidos pelo Movimento: Setor de Comunicação, Setor de Educação, Setor de Produção, Setor de Cooperação e Meio Ambiente, Setor de Saúde, Setor de Gênero, Setor de Frente de Massas, Setor de Direitos Humanos, Setor de Formação, Setor de Finanças, Coletivos de Cultura, de Juventude e de Relações Internacionais. No caso do Setor de Comunicação cumpre a função tanto do registro das ações e momentos importantes do MST quanto na formulação de linhas políticas, de formações e debates acerca da Comunicação Popular. (MST, 2016).

disseminação de informações, de preservação da memória, pode propiciar essa construção e reconstrução mnemônica com o auxílio desses relatos orais. Possibilita-se, assim, tanto o conhecimento do que foi ocultado e silenciado, quanto o alerta de que sem esse acervo, composto por registros fotográficos, boa parte da memória do Movimento se perde também.

Nascida no interior do Ceará, tendo vivido parte da vida no campo, sendo a agricultura, a renda principal da minha família, tornou-se possível a relação direta e diária da autora com as contradições do campo, como por exemplo, mudanças na produção de alimentos, e como o uso de agrotóxicos vem deixando a terra cada vez mais improdutiva, afetando, inclusive, a própria saúde física e emocional de agricultores e agricultoras sem perspectivas de melhorias. Surge então, a identificação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por ser esta uma das pautas da luta do Movimento, que é a produção de alimentos saudáveis sem uso de agrotóxicos. Porém, foi somente em 2011, no início da graduação em Biblioteconomia, que houve o primeiro contato com a luta dos movimentos sociais, com a inserção no Movimento Estudantil e em seguida em movimentos sociais populares, de juventude e mulheres, que houve a aproximação com o MST.

Ao sentir diretamente a criminalização dos movimentos sociais pelas mídias de massa, surgiram reflexões acerca do papel social da informação e do bibliotecário e profissional da informação, no sentido de não somente facilitar o acesso à informação, mas possibilitar que essa informação seja transformadora da realidade, entendendo que “a primeira condição para mudar a realidade consiste em conhecê-la” (GALEANO, 2013, p.187). Deste modo, surge o interesse pela presente temática para a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso.

A partir de então, manteve-se um primeiro contato com o acervo fotográfico digital pertencente ao fotógrafo do Movimento, no Estado do Ceará, Erius Tiaraju (Erandidir)⁶. Porém, mesmo atendendo naquele momento os objetivos da pesquisa realizada, percebeu-se que os registros presentes no acervo digital do fotógrafo eram mais atuais, ou seja, não havia registros do início da luta do Movimento no estado do Ceará. Em uma busca mais abrangente, identificou-se que o acervo impresso existente na Secretaria Estadual do MST na cidade de Fortaleza, contém

⁶ <https://www.flickr.com/photos/30281510@N05/albums/>

registros desde o início da luta do Movimento no estado, permitindo a possibilidade de reconstrução de sua memória por meio desses artefatos fotográficos.

No âmbito da Ciência da Informação, acredita-se contribuir no sentido de ampliar as discussões acerca das questões sociais relacionadas à informação, bem como sobre o papel da memória, considerando o seu caráter interdominial e interdisciplinar, dado à interface que constitui com outros domínios do conhecimento e outras disciplinas na resolução de problemas relacionados ao “fenômeno informação” (PINTO, 2007). Portanto, considerando-se a convergência de elementos relacionados à memória, aos movimentos sociais e à Ciência da Informação para a construção deste estudo, observa-se que o interdomínio surge em um contexto historicamente determinado, a partir de domínios distintos institucionalizados ou não como disciplinas, advindos ou não de diferentes áreas, e tem sua aplicação e utilização readequada aos conhecimentos específicos e às relações que entre eles se estabelecem (BUFREM; FREITAS, 2015).

Diante desta configuração, busca-se facilitar ao indivíduo o acesso às informações, abrangendo os diferentes contextos informacionais, assim como as diversas formas pelas quais a informação é representada. Portanto, pode-se compreender o caráter social da Ciência da Informação por ter “a preocupação em esclarecer um problema social concreto, o da informação, voltada para o ser social que procura informação” (LE COADIC, 2004, p. 19).

Para tanto, a partir da concepção de que a memória coletiva está arrolada à reconstrução de fluxos informacionais de um grupo social inserido em um determinado contexto (SILVEIRA; CAREGNATO; BUFREM, 2014), foi realizada a análise das fotografias existentes no acervo do Movimento, para que ele fosse representado. Deste modo, foram selecionadas junto aos integrantes do Movimento, as fotografias mais representativas, de atores e acontecimentos que foram importantes para a construção e consolidação da luta do Movimento no Ceará e em seguida categorizadas e analisadas com o auxílio de narrativas históricas dos componentes do Movimento, que vivenciaram e acompanharam a sua trajetória no estado, e para que não se percam os registros da luta do Movimento, visto que fazem parte da construção sócio histórica do estado e da memória da sociedade cearense.

Adota-se como pressuposto conceitual para este estudo que “a fotografia é uma imagem narrativa, aliada à memória, com seus personagens e cenários” e que

“a imagem fotográfica materializa a memória em sua estética concreta e em contrapartida cede espaço a subjetividade de interpretações do momento registrado” (ROMANOVSKY, 2009, p. 362). Portanto, a fotografia é passível de interpretações devido à própria subjetividade dos sujeitos que, embora nem sempre sejam os “personagens” dos “cenários” retratados, ao se depararem com os fatos e acontecimentos vivenciados e registrados por meio de imagens, são conduzidos a uma rememoração, uma reconstrução da memória individual e coletiva. Expressa por meio de relatos orais, essa construção proporciona a preservação da memória e sua transmissão a partir das tradições, valores e costumes no que diz respeito tanto à necessidade da sociedade em conhecer e valorizar o passado, para compreender a sua relação com o presente, quanto para assumir e manter suas lutas no futuro.

Nessa perspectiva de registro da memória, a narrativa fotográfica permite que a descrição de imagens relacionadas entre si, possam expor aspectos históricos de acontecimentos. Esses instrumentos, fotográficos e narrativos, permitem a construção de significados por meio de uma leitura do passado, mas devem ser considerados como passíveis “de complementações futuras, e/ou novas interpretações” (BRITO, 2010, p. 19), que ao trazer elementos do passado inseridos no presente, podem garantir a construção e continuação de uma memória coletiva.

Mediante o reconhecimento da luta dos trabalhadores rurais Sem Terra⁷, que configura parte da história do povo brasileiro e da construção sócio histórica do estado do Ceará, houve a pretensão de contribuir para o construto sócio histórico do MST, por meio da reconstrução e fortalecimento da memória do Movimento a partir de relatos orais daqueles que estiveram presentes, e que fazem parte do Movimento, nos eventos e acontecimentos registrados por meio das fotografias.

Entendendo a fotografia enquanto documento e no âmbito da representação da informação, podemos considerar as fotografias, que compõem o acervo fotográfico do MST, como fontes de informação e preservação da memória, pois “as imagens são recursos informacionais específicos e necessitam de um direcionamento adequado para representação e organização” (SIMIONATO; PINHO

⁷ Utilizamos aqui “Sem Terra” com letra maiúscula e sem hífen ao compreender, como visto em Caldart (2000), MST (2005) e Gerhke (2010) que é a identidade construída não somente pelo trabalhador rural sem-terra ao se organizar no MST, mas por todos que entendem que a luta pela terra é vinculada a um projeto para construir uma nova sociedade, ou seja, se reconhecer Sem Terra extrapola a identidade de camponês “sem-terra”, e sim, pessoa que está vinculada ao MST.

NETO; SANTOS, 2015, p. 53) e “é nesse momento que se formam as memórias documentárias, consideradas construções simbólicas do conhecimento” (DODEBEI, 2002, p.11).

Deste modo, relatos mnemônicos decorrentes a partir desses registros que constituem o acervo fotográfico impresso existente na Secretaria Estadual do Movimento na cidade de Fortaleza, Ceará, poderão contribuir para a divulgação e preservação histórica da luta do Movimento no estado do Ceará, cujas propostas e atividades são parte da memória coletiva do país.

Diante do exposto, tem-se como pergunta orientadora deste trabalho: relatos orais mnemônicos, suscitados a partir de registros fotográficos (1989-2010) podem auxiliar na reconstrução/fortalecimento da memória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado do Ceará?

Nesse contexto, propõe-se como **objetivo geral** para esta pesquisa, reconstruir aspectos da memória social e coletiva do MST Ceará por meio de relatos orais mnemônicos suscitados a partir dos registros fotográficos, que refletem a luta do MST no estado. Para responder à questão apresentada, desdobram-se como objetivos específicos:

- a) identificar na literatura modos de contribuição dos relatos orais para a construção e reconstrução da memória individual, coletiva e social;
- b) destacar a fotografia enquanto registro e instrumento de preservação da memória;
- c) analisar o conteúdo do recorte escolhido das fotografias com o auxílio da narrativa fotográfica construída a partir dos relatos orais mnemônicos.

Deste modo, para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa se estrutura em sete capítulos.

O primeiro capítulo, a introdução, traz um contexto geral, justificativa e objetivos que direcionam a pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E FOTOGRAFIA, trata das discussões e conceitos relacionados à memória coletiva e social, e da fotografia enquanto documento. Deste modo tem-se como principais teóricos Bosi (1994), Halbwachs (1990) e Le Goff (2003) para uma melhor compreensão do papel do documento, sua preservação e disseminação para manter viva a história de um grupo e de uma cultura e como as relações de poder e resistência permeiam essa preservação e disseminação. E sobre a fotografia

enquanto documento, como um instrumento de preservação da memória de um povo, utilizamos teóricos como: McGARRY (1999), Kossoy (2007) e Sontag (2004).

O terceiro capítulo, A TERRA PARA QUEM NELA TRABALHA E VIVE: BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, trata do histórico do MST no Brasil e no Ceará para compreensão do objeto da pesquisa.

O quarto capítulo, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS trata dos métodos e técnicas aplicadas para a coleta e análise dos dados, tendo como principais teóricos Bardin (2011), Souza (2009) e Brito (2014).

O quinto capítulo, A NARRATIVA FOTOGRÁFICA EM FOCO, com os resultados da coleta de dados, composta por um quadro analítico com a devida categorização realizada com a narrativa fotográfica construída pelos dos relatos orais mnemônicos suscitados a partir das fotografias constituintes do recorte desta pesquisa.

O sexto e último capítulo traz as CONSIDERAÇÕES FINAIS, compreendendo que ao ser reconstruída e relatada parte da memória coletiva do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tornou-se possível evidenciar sua importância para construção sócio histórica do estado do Ceará, que por meio de lutas alcançou grandes conquistas não só para o Movimento no estado do Ceará, mas para o país, assim como, tornou-se possível dar visibilidade à luta do Movimento ao mostrar detalhes ocultos da sua história de luta estadual e nacional.

2 REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

Entende-se a memória como algo socialmente construído a partir de acontecimentos vividos, pela qual vislumbra-se a possibilidade de interpretar o passado. Portanto, é possível reconhecer sua contribuição social para a manutenção das práticas, valores e tradições de um grupo. A memória aqui defendida trata-se da memória social e coletiva que é composta, antes de tudo, por recordações individuais pelas quais se pode afirmar também que são experiências vivenciadas, com constantes atualizações individuais, pois “a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos” (BOSI, 1994, p. 90).

O ser humano tem muitas memórias ao longo da vida, que podem ser classificadas como memória individual, pois remetem à percepção de cada indivíduo; enquanto a memória coletiva dá ao indivíduo possibilidade de participação na sociedade. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” (BOSI, 1994, p. 54).

Sobre a memória coletiva, por outro lado, Duarte (2009, p. 306) define-a como “a memória da sociedade, da totalidade significativa em que se inscrevem e transcorrem as micro memórias, pessoais, elos de uma cadeia maior”. Por sua vez, Halbwachs (1990, p. 53) afirma que “a memória coletiva, [...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas”.

Há memórias de curta duração, outras que duram dias e podem desaparecer e as que podem desaparecer por falta de uso. O passado já existe por inteiro, porém depende do indivíduo ou da construção social do grupo ao qual pertence – onde há a escolha de elementos da memória e rejeições –, que através das lembranças, pode recuperar partes do seu passado. A lembrança é o que faz o passado sobreviver – é o passado conservado – “antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança ‘vive’ em estado latente, potencial” (BOSI, 1994, p.51).

É difícil imaginar o ser humano sem memória, uma vez que ela permite conectá-lo com seu passado, ao passo que interfere em suas ações atuais, podendo ser determinante para a própria existência do ser humano.

A memória proporciona o sentimento de pertencimento do indivíduo a um grupo e que se reconheça no meio em que vive, como sujeito dessa história. Como afirma Barreto (2007, p. 163), a memória se liga

à cultura e imuniza o organismo coletivo contra a desordem da agressão. Ela é uma espécie de guardião da integridade de um “nós”, que garante a sobrevivência de um grupo pela partilha entre indivíduos que são comuns. Desta maneira, opera como corpo, para fazer passar de ontem para hoje o corpus de conhecimentos, valores ou experiências que consolidam a identidade de um grupo.

A memória pode ser do passado como do futuro, a primeira trata das coisas vividas, o que faz o ser humano ter atividades habituais e repetidas e a segunda trata das coisas que são criadas. A memória do futuro diz respeito à criação, o que pode não ser algo bom também, pelo fato de o presente não ser vivido e o futuro sempre pensado. “O presente moderno teria sido igualmente percebido como possuindo certa inclinação para o futuro.” (LISSOVISKY, 2003 p. 15).

O passado pode apresentar-se como modelo do presente, já o presente em relação ao passado – ou o passado menos remoto em relação ao mais remoto – como decadência ou progresso. Quanto ao futuro aparece em relação ao presente como decadência ou progresso, por fim, o passado menos remoto, o presente e o futuro, em relação ao passado podem apresentar-se como um, retorno, um renascimento, uma recorrência (LE GOFF, 2003).

O presente é uma reconstrução do passado, ao passo que o presente pode construir o/um passado, de acordo com o que indivíduo (ou grupo social) seleciona o que considera importante para a sucessão/continuação de sua história.

Refletir sobre memória não é somente rememorar o passado, mas redescobrir o presente. “O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa” (BLOCH, 1974, p. 55). Do mesmo modo, o presente carrega consigo os desejos, e aspirações do futuro. Eis então, o papel da memória: contribuir na reconstrução do passado, para compreensão do presente e determinar os atos futuros.

Desta forma, é possível compreender a relação que existe entre o tempo e a memória, que está na capacidade da memória capturar o passado em frações de lembranças, e conduzi-las ao presente. Temos assim, a possibilidade de

compreender o tempo presente em que nos encontramos e pensar o futuro. Complementando, afirma Bosi (2003, p. 53) que:

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa.

Portanto, a memória organiza o conhecimento do passado (do indivíduo ou grupo), ordena-o, localizando-o no tempo e no espaço, permite relacionar informações passadas com as atuais proporcionando novas experiências aos indivíduos e grupos ajudando à manutenção de uma cultura. “A memória estará permanentemente conectada à realidade deste tempo e sendo atualizada pelos fatos do passado que voltam a nos encontrar” (CUNHA, 2011, p. 102). Desta forma, podemos pensar a memória não só como um meio de preservação dos acontecimentos de um povo, mas como meio de conduzir a visibilidade da história desse povo.

Neste aspecto, a memória é percebida na interseção sujeito/cultura, o que amplia sua propriedade estática de conservar informações, imputando-lhe certo dinamismo, exigência própria para a ação de reconstrução das experiências passadas, já que é esta uma forma encontrada pela sociedade para pensar a si própria, quer seja por meio da sua relação com o passado (BARRETO, 2007, p. 162).

A partir dessas premissas, é possível inferir que tratamos a história do grupo em que vivemos como nossa própria história como, por exemplo, os acontecimentos que marcaram, contribuíram e contribuem para a construção da história do grupo ao qual pertencemos, fazendo do grupo o suporte da nossa memória. Nossas lembranças são como uma “costura dos retalhos” de recordações dos nossos antepassados.

As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência (BOSI, 1994, p. 414).

A memória é apresentada aqui, não apenas como repetição de coisas vividas, mas como algo necessário para o presente, como algo a se atualizar e que permite transformar costumes e comportamentos.

Portanto, o reconhecimento dos sujeitos de sua identidade e de sua realidade promove a produção de novos saberes e práticas que garantam a continuidade dos costumes e valores que dão sentido à luta e a própria característica do MST.

Deste modo, representar, disseminar e consumir informação é, enquanto produção de significados socialmente aceitos, um processo de preservação da memória (informações adquiridas e transmitidas), realizada pelo ato de cuidar e proteger algo valioso. Promover o acesso à informação é promover a produção e socialização de novos conhecimentos e a visibilidade que será dada à luta do movimento.

Assim, a informação aqui considerada é aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. É aquele fenômeno em que há não só a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação e consumo, que implica na sua própria reprodução [...]. (AZEVEDO NETTO, 2007, p.6).

A informação tem sido cada vez mais considerada como um insumo, seja como recurso, seja como um meio de apreensão e compreensão acerca da realidade, de construção de ideias ou ideais, ou como uma forma de apropriação dos sujeitos da própria história propiciando-lhes o sentimento de identidade, podendo levá-los a modificar sua consciência e transformar sua realidade, entendendo que a informação pode possibilitar ao indivíduo a capacidade da solução de problemas diários, chegando até à luta por seus direitos. “A informação tornou-se um instrumento capaz de modificar a consciência do indivíduo, do grupo, em que ele se encontra socialmente incluído e da própria sociedade” (FARIAS; FREIRE, 2010, p. 254). Neste sentido, é plausível afirmar que o uso social da informação se dá na medida em que ela é compreendida em seu contexto e utilizada pelos e para os indivíduos ou grupos refletirem e atuarem para transformar sua realidade.

2.1 Informação, memória e poder

A memória é formada pelo coletivo de pensamentos e lembranças do passado. A sua preservação, além de ser uma conquista, pode ser também um

instrumento de poder. Afirma Gondar (2003, p. 32), “que a memória pode ser um instrumento de poder. Todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido”, cria valores, desejos, modos de expressão e modos de pensar, já que as informações que constituem a memória podem ser um recurso de legitimação desse poder “de quem produz, recebe e entende a informação” (OLIVEIRA, 2008, p. 12).

O esquecimento, na condição de determinação pelas classes dominantes é resultante do silenciamento de práticas, vozes, ideias e inclusive, de indivíduos, tornando-se assim, um importante instrumento de manipulação de fatos e acontecimentos. Desta forma, a escolha do que deve ser esquecido ou lembrado possibilita a legitimação deste poder controlador.

Diante do exposto, podemos salientar os meios de comunicação (mídias de massa) e mídias sociais como ferramentas para produzir e legitimar esse poder, seletivo e controlador, no sentido do que é veiculado pela mídia, garante sua verossimilidade ao dar visibilidade. Como, por exemplo, o fomento à criminalização e deslegitimação da luta dos movimentos sociais, na medida em que a verdade atribuída à informação produzida pela mídia, fatos podem ser criados e fazer parte da construção da memória social. “A questão, portanto, não se coloca diretamente sobre os espetáculos, mas com o que sucede ao espetáculo quando capturado, produzido e enviado pelos meios de comunicação de massa” (CHAUÍ, 2006, p. 14).

O “outro lado da história” dos fatos ocorridos não é contado, como se a voz dos sujeitos dessas lutas devesse ser calada ou ocultada. Diante disto, a memória por meio da preservação e acesso, tem um papel fundamental de manter viva e de mostrar a história contada por aqueles que viveram esses momentos democráticos, não deixando essas lutas e conquistas serem esquecidas, ocultadas ou silenciadas.

Entende-se que para forjar um presente é antes preciso manipular um passado, ou seja, criar/manipular uma memória social tida como verdadeira e única, que conforme Ribeiro, Orrico e Dodebei (2014, p. 126), ao argumentarem que “a forte presença das instituições como símbolos de prova memorial e documental aliada à tecnologia digital de criar e modificar imagens vem nos indicar que ao gerar fatos fictícios no presente, estes já se inserem na memória como lembranças reais. ”

Neste sentido, se percebe a importância das instituições de memória na guarda, preservação e perpetuação de fatos e acontecimentos que marcaram e testemunham a história e a própria existência de um povo. Os “lugares de memória”,

conforme Nora (1993), surgem e perduram ao longo do tempo pela concepção de não termos uma “memória espontânea”, tornando-se necessário recorrer a objetos, lugares e pessoas para continuar a construção, reconstrução e transmissão das informações registradas, da memória salvaguardada.

Segundo Icléia Thiesen (2013), a memória dos indivíduos traz marcas da cultura formadas em instâncias institucionais e sociais e os lugares ou instituições de memória como bibliotecas, arquivos e museus, lugares de salvaguarda de documentos, adquirem especial significado para a preservação e construção e perpetuação da memória coletiva e social. Porém, o documento por si só não pode ser fonte de preservação ou como testemunho de fatos e acontecimentos, se não compreender seu contexto, o antes e o depois de sua criação e o motivo pelo qual foi criado, portanto, para compreender, reconstruir, e dar visibilidade à existência de um grupo é preciso compreender o contexto em que os documentos foram produzidos para subsidiar possíveis testemunhos de fatos e acontecimentos.

Pode-se inferir, então, a importância do indivíduo ou grupo conhecer e reconhecer a própria história. A informação está ligada a isso como “possibilidade de instrumentalizar a tomada de consciência - atributo da espécie humana que pode favorecer o conhecimento de sua própria realidade.” (OLIVEIRA, 2008, p. 3).

É nesse sentido, que se dá o uso social da informação, é torná-la como instrumento de tomada de consciência do sujeito acerca da sua própria história, da memória social e coletiva do grupo ao qual pertence ao recordar e perpetuar.

Para complementar, Holanda e Silva (2012) trazem alguns aspectos relacionados à informação, seu contexto, bem como seu uso social que se dá na compreensão da informação como um bem para o indivíduo exercer sua “cidadania” e que a informação como processo é entendida em seu aspecto exterior ao indivíduo, na construção social e cultural de suas práticas, valores e costumes, ou seja, permeia suas relações e ações no grupo ao qual pertence, e que “a informação está no mundo e a cultura reside na mente humana, sendo formada pelo sentido, pelas experiências e valores do indivíduo.” (HOLANDA; SILVA, 2012, p. 2, 3).

Pode também transformar essa possibilidade em resistência a esse poder (dominação), possibilitando a tomada de consciência da sua realidade, que resulta no indivíduo a tentativa de transformá-la.

Deste modo, convém afirmar a necessidade da obtenção de relatos orais, ou seja, rememoração da memória individual para a reconstrução e fortalecimento da

memória coletiva e social, suscitados pelos registros que compõem o acervo fotográfico impresso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), compreendendo a fotografia como documento, testemunho e ferramenta de comunicação/disseminação dos acontecimentos que marcaram a luta do Movimento e como instrumento de preservação da sua memória coletiva.

A fotografia pode ser entendida como “uma parte e uma extensão daquele tema; e um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele. [...] Fotos fornecem formas simuladas de posse: do passado, do presente e até do futuro.” (SONTAG, 2004, p. 172, 183). Além de garantir a preservação do passado, a fotografia sendo considerada um documento, logo, fonte de registro de informações e instrumento de preservação da memória, pode ser uma ferramenta para pensar o futuro, de transmissão de crenças, pensamentos, ideologias que não pare em nós, em nossa geração, como forma de perpetuação.

A memória, como representação de um passado revivenciado produz o efeito de restauração e de ressignificação às práticas socioculturais contextualizadas. Podemos assim dizer que é uma espécie de costura que tece o passado no presente transformando-se em novas possibilidades existenciais (BARRETO, 2007). É, antes de tudo, uma relação com o tempo vivido pelo indivíduo, com seu grupo social e cada grupo vive o tempo diferente, vive o seu tempo. Portanto, a memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo e o localiza cronologicamente (BOSI, 1994).

A preservação da memória é compreendida aqui como valores transmitidos pelas gerações futuras, ancorados nas lembranças e compartilhados de geração a geração, para o não esquecimento de um grupo social, “ou seja, está na ligação transgeracional a forma de transmitir a história apreendida e a memória vivida no cotidiano dos sujeitos sociais.” (FRANÇA, 2004, p. 71).

A memória pode reconstruir experiências, costumes, tradições e valores e o não silenciamento dessas práticas se fazem importantes para que não se perca a história de um povo, entendendo que “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.” (LEGOFF, 2003, p. 469).

É por meio da transmissão de informação, manutenção de costumes e reprodução da memória que promovemos o ‘não esquecimento’ dos acontecimentos que marcaram a história de um determinado grupo social, comunidade, bairro e/ou cidade.

2.2 Memória, documento, fotografia e cultura: relações

A memória pode ser entendida enquanto representação dos comportamentos, costumes e valores, ou seja, da cultura e da própria identidade do grupo e o documento como a representação dessa memória.

[...] consideramos também que, para comunicar conhecimentos, repassar tradições, hábitos, crenças e desse modo manter o conhecimento do grupo ou comunidade ativo, a memória deveria ser interpretada como um mecanismo representativo de um povo, uma geração, ou seja, que está em processo de transformação e implica assim em diálogos e trocas simbólicas [...], representar não condiz em ditar o que uma coisa é ou foi, mas permitir reconhecer tal coisa em sua dinâmica, mas não desconsiderar as peculiaridades sígnicas da memória. (FARIAS; BIZELLO, 2016, p. 100).

Neste sentido, é possível compreender a importância da preservação do documento enquanto elemento constituinte para a compreensão de uma cultura, entendendo o documento como um registro de fatos e acontecimentos, sendo necessário para perpetuação da memória, incluindo, os valores, costumes, tradições, enfim, uma cultura. Desse modo,

[...] um documento nunca é o simples resultado de uma situação histórica dada. Ele é o produto orientado de uma situação. O que então é preciso analisar são as condições nas quais tal documento foi produzido e não só de que ambiente sai ou de que é que literalmente nos fala. (LE GOFF, 1999, p. 86).

Entendemos como cultura o conjunto de símbolos, costumes, tradições que representam um grupo ou uma sociedade identificando sua identidade. Cuhe (1999, p. 45) argumenta que “cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este ‘espírito’ próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos.”

A memória constitui um elemento de continuidade de uma cultura e da própria identidade de um grupo ou sociedade. A construção da identidade se dá na construção dos sujeitos com diversas realidades “onde a ligação que a sociedade possui com as formas de registro de seu passado gera uma identidade, pois, por meio dos registros acessíveis, os indivíduos podem rememorar sua história.” (MERLO; KONRAD, 2015, p. 31).

A busca pela identidade se realiza pela rememoração do passado para os indivíduos se situarem no mundo. E essa rememoração se dá pelas memórias coletivas e individuais que podem se confundir nos sentimentos, fatos, interesses e as próprias relações de poder do que se quer ser esquecido e lembrado. “A busca de identidade sempre se dá com vistas ao passado, carregando traços do legado histórico, tanto individual quanto coletivo do local onde se vive.” (MOMBELLI; TOMAIM, 2012, p. 51).

Nessa perspectiva, o documento, devido à função pela qual foi gerado/produzido, deve ser considerado para a preservação da memória à qual retrata, reflete, testemunha e reproduz. Ao ser transmitida, a memória permite reflexões e interpretações pelos sujeitos sobre sua própria existência, incluindo suas atitudes, crenças, moral e ética, o que permite o vínculo à cultura da qual faz parte, o que poderia, inclusive, provocar a transformação da sua realidade.

Deste modo, é possível inferir sobre a característica inerente ao documento de possibilitar a construção e reconstrução da memória coletiva e social na medida em que pode pôr em evidência um fato ou acontecimento. Portanto, o documento é aqui tratado sob a ótica da apropriação social entendendo que este possibilita a materialização da memória, revelando as intenções presentes na conservação e preservação de fatos e acontecimentos que fazem parte da história dos sujeitos e grupos e na atribuição de significados para constituírem parte dessa história.

Neste sentido é possível compreender a fotografia enquanto documento, já que é um suporte de registro de informações, o que possibilita ser um suporte à preservação da memória coletiva, possibilitando a apropriação sócio histórica pelos sujeitos por conta dos fatos recuperados pela imagem, proporcionando o sentimento de pertença, para assim dar continuidade às suas tradições, acompanhando suas vivências, que representam histórias e reproduzem memórias.

Briet (2016) afirma que uma estrela ou animal vivo não é um documento, mas são documentos as fotografias ou catálogos deles representativos, deste modo, é

possível compreender que ao longo do tempo a memória vai se perdendo fazendo-se necessário ter auxiliares ou o que podemos chamar de “extensões da memória” como um auxílio para lembrar e não se deixar esquecer fatos importantes para manter coesa a memória de um grupo. E a preservação desses registros (extensões da memória) se dá na medida em que faz parte de um contexto histórico de um grupo, de uma sociedade, entendendo que é um produto de uma realidade social.

Desde o início de sua existência, o ser humano já sentia a necessidade de registrar suas atividades e suas impressões sobre a realidade utilizando-se de desenhos, pinturas rupestres, símbolos, escrita em “pedra, tabletes de argila, tabuinhas de madeira, papiro, pergaminho, até o papel e documentos digitais” (RICHTER; GARCIA; PENNA, 2004, p. 25). Desta forma, podemos pensar a fotografia enquanto documento – já que é um registro e proporciona uma visualização da memória e sua representação – e também como um meio de comunicação e disseminação da informação.

Compreendendo o caráter social que a informação carrega, é possível inferir, portanto, que para que essa informação chegue ao ‘ser social’ “deve ter alguma forma de *veículo*. Este veículo deve possuir um atributo essencial para que possa ser compreendido pelo receptor” (McGARRY, 1999, p. 12, grifo do autor), e a fotografia é um veículo de informação e construto social por ser uma forma de apreensão da realidade pelo conteúdo informacional que representa. Reforçando, Roland Barthes (2017) afirma que a fotografia é em si mesma sempre alguma coisa que é representada, ela nos fornece de imediato os “detalhes” do que está sendo registrado, do que está sendo representado.

Assim concebida, a preservação dos registros fotográficos é necessária para que aquilo que foi registrado proporcione a rememoração de saberes, práticas e valores constituintes da cultura de um determinado grupo e sociedade, entendendo-se que o documento é inseparável da sociedade, mas é um produto dos acontecimentos com vestígios do tempo e das transformações. Em conformidade, Kossoy (2007, p. 157) relata que:

[...] enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, mostra-nos como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção [...].

A documentação fotográfica, segundo Kossoy (2007), é uma das fontes mais preciosas para se conhecer e reconhecer o passado, porém sempre foi relegada à condição de “ilustração” dos textos e “apêndice da história”.

A fotografia tem a capacidade de nos levar ao passado para compreender e transformar o presente, é fonte de emoção, conhecimento e preservação da memória, podendo esta, apresentar-se como uma representação dos acontecimentos vividos pelo indivíduo em seu grupo, e como o mesmo reproduz seu passado em formato de imagens. Assim, podemos afirmar que “[...] as imagens, em geral, constituem um dos sustentáculos da memória” (KOSSOY, 2007, p. 103).

A este respeito Le Goff (2003) cita dois fenômenos entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva: o primeiro é a construção de monumentos aos mortos e o segundo é a fotografia que dá à memória uma “verdade visual nunca antes atingida”, democratizando-a e multiplicando-a, “permitindo guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

A fotografia pode ser entendida como instrumento da memória que não é somente um registro do passado, mas como o que foi fotografado pode afetar o presente e o futuro. A fotografia muitas vezes pode preencher as lacunas da memória, a este respeito Sontag (2004, p. 183) nos fala que:

Enquanto fotos velhas preenchem nossa imagem mental do passado, as fotos tiradas hoje transformam o que é presente numa imagem mental, como o passado. As câmeras estabelecem uma relação inferencial com o presente (a realidade é conhecida por seus vestígios), proporcionam uma visão imediata e retroativa da experiência.

A fotografia pode reviver a realidade, uma vez que permite novos usos, e é uma forma de apropriação dessa realidade, por meio do presente, bem como, possui a potencialidade de manter o que o passou, para que não seja esquecido. A fotografia carrega em si práticas sobre os costumes, ações, tradições e fatos de um determinado grupo. “Carrega um fato, coisa ou pessoa do passado – e cada clique tem seu passado imediatamente criado – insere-se instantaneamente na categoria de objeto de memória.” (MANINI, 2011, p. 80).

Para recuperar o sentido dos acontecimentos faz-se necessário a preservação da imagem – já que a imagem documenta os acontecimentos – como algo para o futuro para o conhecimento das próximas gerações. É a fotografia como recurso de preservação do passado perdido para continuação dos acontecimentos que marcaram a história de um povo.

A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem (KOSSOY, 2007, p. 133).

A fotografia é um modo de recuperação da história em forma de fragmentos, que traz recordações da realidade ali representada no momento do ato fotográfico. Ela mantém sua importância para que o que foi fotografado continue a fazer parte da história do sujeito ou grupo social. Portanto, podemos afirmar que não se pode compreender o documento fotográfico sem compreender a construção social do que foi registrado.

O aparecimento da fotografia é um acontecimento que revoluciona a memória social, por permitir “guardar o tempo”. Outros suportes de registros da memória vêm, cada qual a seu modo, integrar-se à trajetória da humanidade sugerindo formas de se armazenar, tratar e disseminar a memória social (BARRETO, 2007, p. 168).

Por meio da imagem é possível interpretar a realidade, dada sua capacidade de reprodução visual e de despertar o desejo de buscar mais informações, de conhecer a história por ela revelada. É, portanto, considerada um vestígio. Deste modo, a imagem como resultado dos processos inerentes à fotografia, torna viável a representação material (a ação, o acontecimento em si registrado) e imaterial (a interpretação, e a própria lembrança), consistindo tanto na produção de significados, como no registro comprobatório de que determinado fato ocorreu.

As imagens revelam seu significado quando ultrapassamos sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas. Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens estéticas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidade [...] (KOSSOY, 2007, p. 147).

Toda fotografia transmite uma mensagem, ao caracterizar a imagem como reflexo e como representação da realidade social. Submetida às influências do grupo ou comunidade, o que é registrado em imagem fotográfica sofre influências de aparato cognitivo, cultural, ideológico e político na relação entre sujeito e o lugar. Nesse caso, é uma representação dos acontecimentos vividos pelo indivíduo em seu grupo, e de como ele reproduz seu passado em formato de imagens. É apreensão

do passado em imagens, é como reunir várias situações de uma realidade, o antes e o depois do momento do ato fotográfico. Corroborando essa ideia, Boni e Hoffmann (2011, p.148) afirmam que:

[...] Ao olhar uma fotografia de determinada época, o indivíduo não vê apenas o lugar fotografado. Uma série de outros dados lhe vem à mente, informações que se desencadeiam na memória, relações com o que foi fotografado e circunstâncias vivenciadas. Detalhes significativos que em entrevistas, ou em descrições escritas, poderiam não ser lembrados [...].

Deste modo, é pertinente afirmar que o estudo da imagem é necessário para se conhecer a história de um povo, pois é onde se conhece seu passado histórico, fatos que aconteceram e que marcaram sua trajetória e, recuperados, podem contribuir para o conhecimento de suas lutas. A “fotografia provê os meios para eternizar e solenizar estes momentos intensos da vida social, em que o grupo reafirma a sua unidade.” (BOURDIEU, P.; BOURDIEU, M., 2006, p. 32).

Por meio da fotografia, carregada de sentido, é possível representar também a luta de movimentos sociais, como atualização da memória e preservação da manifestação de um grupo social que busca perpetuar e fortalecer suas práticas.

Nesta perspectiva, a fotografia seria um dos veículos de preservação desta memória viva, por ilustrar a realidade que se vê, e permitir capturar detalhes ocultos, não demonstrados, oralmente ou por escrito, em imagens provenientes de personagens que lutam diariamente para romper com vícios e valores individualistas e construir uma nova consciência de fortalecimento a convivência social. “Apontamos a preservação, através de um registro oficial e/ou social que os resguarde do esquecimento ou de possíveis danos [...]” (ARARIPE, 2004, p. 114).

A fotografia pode ser, além de instrumento de preservação e disseminação da memória do MST, testemunho e uma ferramenta para que as próximas gerações mantenham a chama acesa da luta do Movimento. Os registros dos momentos históricos e democráticos garantirão que as próximas gerações se comprometam, valorizando crenças, tradições, ideologias, para dar continuidade às lutas populares pela justiça social, podendo intervir na sociedade.

Essa concepção pode ser compreendida de modo especial em Cossio (2011), ao considerar que a participação popular para o desenvolvimento de documentos lhes garante um significado social diante de aspectos e dimensões políticas por elas assumidas, para além de atos e fatos administrativos, transformando-os em

instrumentos de luta. O autor conclui que acompanhar os documentos em sua gênese colaborativa é pensá-los como retratos de uma realidade. “Pensá-los ou defini-los pela participação da sociedade civil é caracterizá-los como instrumento de luta social” (2011, p. 61). Desse modo, oferece um pressuposto teórico para esta pesquisa, ou seja, o de que o documento somente poderá ser considerado instrumento de luta socioecológica quando a realidade por ele expressa for a realidade de uma comunidade capacitada a expressar coerente e institucionalmente sua realidade sócio política e ambiental.

3 A TERRA PARA QUEM NELA TRABALHA E VIVE: BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

No estado do Rio Grande do Sul, a ocupação na Fazenda Macali (área pertencente à Fazenda Sarandi) em setembro de 1979, em meados da ditadura militar, foi resultado de um processo anterior de ocupações de terras pelo Rio Grande do Sul, que a partir de um trabalho de conscientização com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) gerou lideranças no campo proporcionando o crescimento e fortalecimento da luta não somente por terra, mas por uma Reforma Agrária no país, desta forma, se inicia os primeiros passos de construção do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra no Brasil.

No mesmo período, outras famílias ocuparam a Fazenda Brilhante, outra área também pertencente à Fazenda Sarandi, porém essas terras ocupadas não eram ainda suficientes para atender todas as famílias que necessitavam de um pedaço de chão, sendo necessário ocupar outra área da mesma fazenda em 1980, a Fazenda Annoni, ocupação histórica e importante para o início da luta de trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-Terra no país. É nesse contexto de formação do MST que nasce a primeira ferramenta de comunicação do Movimento: o Boletim Sem Terra.

Na década de 1970 já se iniciava o processo de luta pela terra em Santa Catarina, mas só em 1980 houve a primeira ocupação. Dois anos depois iniciaram as primeiras ocupações no Paraná organizadas pelo Mastro e Mastes e logo depois, assim como outras organizações de trabalhadores rurais do estado, Masten, Mastreco e Mastel se integraram ao MST. O surgimento do MST nos outros estados brasileiros se deu no mesmo período, contando mais uma vez com o apoio da CPT ao reunir lideranças da luta pela terra em encontros e debates, sendo considerado os mais importantes o Encontro Regional do Sul e o Seminário de Goiânia, em 1982, que se tornaram base para a construção do 1º Encontro Nacional dos Sem-Terra em 1984 (MORISSAWA, 2001).

Realizado em janeiro de 1984 na cidade de Cascavel, no estado do Paraná, o 1º Encontro Nacional dos Sem Terra marca oficialmente o nascimento do MST, e sua nacionalização. Participaram trabalhadores e trabalhadoras rurais de 12 estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul (sendo estes 5 primeiros onde foi iniciado o processo de luta pela terra e de construção do MST), Espírito Santo, Bahia, Pará, Goiás, Rondônia, Acre e Roraima

que organizara as ocupações de terra em alguns estados brasileiros nesse período. (MORISSAWA, 2001).

A partir do referido encontro, os trabalhadores rurais retornaram aos seus territórios, com a tarefa de construir um movimento orgânico nacional, vendo a ocupação de terras como uma ferramenta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na luta pela democratização da terra. Porém, a consolidação do Movimento e seu crescimento no país pode ser considerada a partir do 1º Congresso Nacional dos Sem-Terra realizado em 1985, final da ditadura militar, que o Movimento passou priorizar a educação de acampados e assentados entendendo a importância da formação política na organização da militância e fortalecer a luta pela Reforma Agrária, vendo a realidade camponesa de dificuldade no acesso à educação, resultando na baixa escolaridade.

O Movimento neste processo de consolidação e fortalecimento houve um aumento significativo de ocupações por todo o país e ao mesmo tempo sofrendo cada vez mais com o crescimento da violência no campo, ficou evidente que só a conquista da terra não era suficiente. Desta forma, em 1987 surge a experiência das cooperativas nos acampamentos e assentamentos como uma forma de resistir e continuar na terra produzindo, visando à auto sustentação dos assentamentos e acampamentos, discussão aprofundada no 3º Encontro Nacional realizado no mesmo ano.

Com a consolidação do MST nacionalmente, sendo reafirmada em seu 2º Congresso Nacional em 1990, acarretou também no crescimento das ocupações devido à compreensão da ocupação como principal instrumento de luta pela reforma agrária. Havendo assim, o avanço na cooperação nos acampamentos e assentamentos por meio do crescimento de associações, porém ainda faltava a infraestrutura necessária para a permanência e a própria sobrevivência dos Sem-Terra nas terras ocupadas, ou seja, mesmo conquistando a terra as necessidades básicas como educação, transporte, saúde, energia, estradas não tinham sido alcançadas. Foi deliberada, então, como prioridade a criação de cooperativas e fortalecimento das existentes nos estados que mais tinham se consolidado: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Bahia e Ceará. Com isso, tendo como uma conquista nesse período a Confederação Nacional de Cooperativas da Reforma Agrária Brasileira (Concrab).

Outra ferramenta de luta do MST são as Marchas, a primeira sendo em 1997, a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça considerada a mais importante durante esse período, ano também de recorde de ocupações, 180 durante o ano de 1997, superando seu primeiro recorde que foi no ano anterior, 176 ocupações por todo o país no total. Organizada para chegar em Brasília no dia 17 de abril, data a qual faria 1 ano do Massacre de Eldorado dos Carajás, para denunciar a impunidade, assim como de outros massacres de trabalhadores e trabalhadoras rurais e que em memória, essa data tornou-se por iniciativa da Via Campesina o Dia Internacional da Luta Camponesa.

Outra Marcha relevante para a visibilidade e conquistas para os Sem-Terra foi a Marcha Popular pelo Brasil em 1999 coordenada não só pelo MST, mas por outras entidades da classe trabalhadora como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), e outros movimentos sociais do campo e da cidade, com o intuito de consultar e dialogar com a população sobre os problemas e desafios da realidade naquele momento sendo um ano difícil por conta da seca.

Desta forma, é possível compreender que a Reforma Agrária não se resume apenas no movimento pelo direito à terra, mas à luta por direitos, igualdade e justiça.

Portanto, é possível compreender que a luta pela reforma agrária não está isolada de outras lutas ao compreender que o MST defende um programa de desenvolvimento para o Brasil, que priorize a solução dos problemas do povo, por meio da distribuição da terra, criação de empregos, geração de renda, acesso à educação e saúde, e produção e fornecimento de alimentos.

O MST conquistou mais de 2.250 escolas públicas nos acampamentos e assentamentos em todo país (das quais 1.800 mil até a 4ª série, 400 até o Ensino Fundamental completo e 50 para o Ensino Médio). E no desafio de garantir educação do campo, principalmente durante as lutas, surgiram outras inovações importantes, como as Escolas Itinerantes⁸, que acompanham os acampamentos,

⁸ Escolas Itinerantes: espaços de conhecimento, criação, socialização com base em valores democráticos, e se deslocam junto com os acampamentos. E já foram legalmente aprovadas e reconhecidas pelo Conselho Estadual de Educação no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Alagoas, Pernambuco e Piauí (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2010, p. 24).

que não têm localidade fixa, com 32 escolas, 277 educadores e 2.984 educandos envolvidos num processo educativo permanente.⁹

Os integrantes do MST acreditam que as mudanças sociais e econômicas dependem, antes de qualquer coisa, das lutas sociais e da organização dos trabalhadores. Com isso, torna-se possível a construção de um modelo de agricultura que priorize a produção de alimentos, a distribuição de renda e a construção de um projeto popular¹⁰ de desenvolvimento nacional.

A relevância do MST para a sociedade pode ser evidenciada por meio de seus objetivos:

- a) construção de uma sociedade sem exploradores e explorados; garantia da terra ser um bem de todos;
- b) garantia de trabalho a todos, com justa distribuição de terra, de renda e das riquezas;
- c) a busca permanente pela justiça social e a igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais;
- d) difusão dos valores humanistas e socialistas; combate a toda forma de discriminação e articulação com as lutas sociais (MST, 2016).

Compreendendo que a Reforma Agrária não é uma luta por benefícios apenas para os camponeses, – mas uma forma de melhorar a vida dos que vivem nas cidades, com a produção de alimentos saudáveis e acessíveis aos trabalhadores – não poderia ser uma política isolada das demais transformações que o povo brasileiro necessita. Assim, prioriza a construção um Projeto Popular para o Brasil para contribuição de um país mais justo e soberano.¹¹

Atualmente, o MST está organizado em 24 estados brasileiros, com mais de 130 mil famílias acampadas e 370 mil famílias assentadas. Também segue a luta

⁹ Dados retirados do documento **MST: Lutas e conquistas**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

¹⁰ Projeto Popular: projeto político de um conjunto de forças sociais que lutam por profundas transformações da sociedade brasileira. A base do Projeto Popular se baseia no conceito de Povo Brasileiro, por representar a razão e o sentido da luta e fundamentar a autoestima e a própria identidade (MST, 2014).

¹¹ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

pela construção de um projeto popular para o Brasil, baseado na justiça social e na dignidade humana, princípios definidos em 1984.¹²

Não obstante, o MST atua nos estados do Brasil, dentre eles o Ceará, mostrando que suas ações crescem na mesma medida do crescimento da confiança dos Sem-terra numa luta organizada e mantida pelos próprios integrantes, e com a conscientização da população, adere cada vez mais membros que acreditam que por meio da luta organizada surtirá em mudanças na forma política de governo.

O MST no Ceará nasce em 1989, porém somente na década 1990, com a consolidação de novos assentamentos, passou-se a discutir e a defender a proposta de Reforma Agrária numa perspectiva socialista, tendo como base a socialização das relações e dos meios de produção com fundamento nos princípios de cooperação e solidariedade. A posse da terra é coletiva, sem loteamento, e o seu uso efetivam-se de maneira tanto socializada como individual. Essa forma de cooperação teve grande desenvolvimento na década de 1990 com a criação das cooperativas em alguns assentamentos do estado e também com a participação das associações comunitárias.

Na década de 1990, houve muitas mobilizações e conquistas no Ceará. A primeira ocupação na Fazenda Ameixas, em Santana do Acaraú, contou com 400 famílias. A área fazia parte de um processo de desapropriação. Na mesma década houve ocupações em Crato, Tamboril, Mombaça, Canindé, Ocara, Madalena. Hoje, o Ceará tem 32 acampamentos e aproximadamente 180 assentamentos (ALENCAR; DINIZ, 2010).

¹² MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de natureza metodológica, se caracteriza como pesquisa de campo, visto que “o campo é o lugar natural onde acontecem os fatos/fenômenos/processos” (SANTOS, 2006, p. 27) e os dados foram coletados pela pesquisadora por observação direta e participante. Caracteriza-se também como um estudo de caso, visto ao estudo aprofundado sobre um grupo específico, permitindo assim uma compreensão maior do caso estudado, considerando elementos que marcam o seu contexto “não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação do caso com outros casos” (LAVILLE; DIONNE, 1999 p. 156). Inicialmente a pesquisa procura evidenciar os registros fotográficos constituintes do acervo impresso do MST – localizado Secretaria Estadual do Movimento, em Fortaleza, Ceará – como elementos de preservação da memória e com os relatos orais auxiliar na reconstrução e fortalecimento da memória do MST por meio de entrevistas aplicadas aos participantes da pesquisa.

Tem um enfoque documental, por ter como objeto de investigação materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, neste caso, documentos fotográficos. Para que os procedimentos analíticos sejam realizados, é importante selecionar um conjunto de elementos significativos, ou recorte do universo fotográfico impresso do MST. Nesse caso, conforme Laville e Dionne (1999), não se descarta a escolha de uma amostra da população para ser entrevistada, escolhida de forma voluntária.

O *corpus* é identificado como o montante de fotografias do recorte escolhido. O acervo contém 2130 fotografias, registradas nos período de 1989 a 2010, das quais foram selecionadas, junto aos integrantes do Movimento que foram entrevistados, seis fatos e/ou acontecimentos que marcaram a luta do Movimento no estado no período de 1989 a 2005, ou seja, nos primeiros anos da construção do Movimento do estado, visando contextualizar o histórico da luta MST Ceará, e em seguida foram escolhidos os registros que mais expressam, descrevem e dão visibilidade a cada fato ou acontecimento.

Os participantes da pesquisa são os trabalhadores e trabalhadoras envolvidos no Movimento (assentados, acampados, militantes e/ou pessoas que contribuem de alguma forma com a luta do Movimento) que trabalham em prol dessa luta, e que

aparecem ou não anonimamente nas fotos, mas são escritores dessa memória/história.

Foram sugeridos pelo Setor de Comunicação do Movimento seis militantes do MST Ceará, devido ao tempo de atuação do movimento, sendo um o fotógrafo responsável pela autoria de alguns registros (os mais recentes), visto que a maioria dos registros foram feitos por pessoas diferentes (militantes, colaboradores, assentados e acampados) que doaram as fotografias para compor o acervo, ou seja, levando a impossibilidade de identificar a autoria da maioria dos registros. E os outros cinco militantes foram indicadas devido, tanto ao tempo de atuação, quanto a sua participação incisiva no processo de construção do MST no Ceará.

E, para o cumprimento do primeiro e segundo objetivos específicos, que são: identificar na literatura modos de contribuição dos relatos orais para a construção e reconstrução da memória individual, coletiva e social; e destacar a fotografia enquanto registro e instrumento de preservação da memória, necessária uma elaboração teórico-reflexiva a respeito de tais questões.

O processo de representação informacional do objeto (suporte informacional), trata da relação entre as coisas e suas características, manipulando as representações em vários suportes e tem-se, nesse recorte, especificamente como suporte, as fotografias que compõem o acervo fotográfico do MST, que estão armazenados em pastas e álbuns e não passaram por qualquer modo de tratamento que propicie a recuperação e construção memorialística dessas fotos, que até então, só permitem leitura simbólica para aqueles que têm conhecimento do que se encontra nas imagens.

Deste modo, buscou-se em consonância com o terceiro objetivo específico, analisar o conteúdo do recorte escolhido das fotografias com o auxílio da narrativa fotográfica construída a partir dos relatos orais mnemônicos. Ao serem submetidas à narrativa fotográfica e sua análise, buscou-se evidenciar os principais aspectos registrados a partir de um contexto das ações do Movimento e tomando por base essa técnica, foram posteriormente categorizadas. De acordo com Brito:

O documento fotográfico pode ser entendido como um caminho de investigação e elucidação do passado. Assim, a fotografia pode ser entendida como o resultado da ação do homem, que num dado intervalo de tempo seleciona um assunto, seja por sua vontade ou por incumbência, utilizando a tecnologia de que dispõe para “congelar” esse momento. (2010, p. 10, grifo do autor).

A narrativa fotográfica visa apresentar a descrição do que é percebido na imagem. Mas, essa imagem quando ligada a outras, permite agregar às narrativas maiores detalhes e sequências de acontecimentos. As narrativas são importantes para não se deixar esquecer o passado, revivenciá-lo e compreender o contexto histórico em que o documento (a fotografia) está inserido, o antes, o durante, o depois do ato fotográfico e os fatos que estão no entremeio do lembrar e do esquecer nessas etapas, portanto, as narrativas fotográficas foram construídas com a participação dos participantes da pesquisa.

Para uma melhor compreensão acerca das ações necessárias para o cumprimento dos objetivos específicos dos quais se desdobram esta pesquisa, segue o quadro abaixo:

Quadro 1 – Objetivos e ações

Objetivos	Ações
Identificar na literatura modos de contribuição dos relatos orais para a construção e reconstrução da memória individual, coletiva e social.	Elaboração teórico-reflexiva a respeito de tais questões.
Destacar a fotografia enquanto registro e instrumento de preservação da memória.	
Analisar o conteúdo do recorte escolhido das fotografias com o auxílio da narrativa fotográfica construída a partir dos relatos orais mnemônicos.	O processo de identificação e análise das fotografias dar-se-á por entrevista aplicada aos membros do Movimento e a solicitação de que façam narrativas a partir das imagens apresentadas para serem posteriormente categorizadas.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O processo de identificação e análise das fotografias deu-se por meio da entrevista (Apêndice) com membros do Movimento e a solicitação de que fizessem narrativas a partir das imagens apresentadas.

Ao se referir à entrevista como um diálogo possível, Medina (2004, p. 7) descreve o fenômeno de identificação entre a fonte e o receptor, quando a entrevista se aproxima do diálogo interativo e o receptor consegue sentir autenticidade da entrevista tornando a comunicação mais humana. “Sua maior ou menor comunicação está diretamente relacionada com a humanização do contrato interativo”, que de acordo com Medina, ocorre quando a técnica é ultrapassada pela intimidade e entrevistados e entrevistadores saem diferentes após o encontro.

Ao compreender a entrevista como instrumento que possibilita a captação e registros de informações relatadas pelos participantes da pesquisa, conforme Guinchat e Menou (1994, p. 42), as fontes de informação, assim como os textos escritos “[...] nascem a partir de um documento [...] ou pessoas fontes, que consistem em pessoas que irão garantir a autoridade acerca de determinado assunto, segundo seu grau de conhecimento e as relações profissionais por elas estabelecidas”. As entrevistas auxiliam na composição dos relatos e análise das fotografias, devendo contribuir para a Análise de Conjuntura proposta por Souza (2009), que versa na identificação de acontecimentos, cenários, atores, relações de força, articulação entre estrutura e conjuntura.

As perguntas indicadas no Quadro 2, que constituiu o roteiro das entrevistas aplicadas, foram elaboradas para a obtenção de respostas adequadas para possibilitar a categorização das imagens, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos, respondendo assim o problema de pesquisa.

Quadro 2 – Perguntas aplicadas na entrevista e objetivos

Perguntas	O que se pretende
Nome	Identificação Reconhecimento do participante “dando voz e vez aos que vivenciaram os fatos registrados”
Tempo de atuação no MST	Contribuição do entrevistado para relatar o que foi registrado auxiliando na reconstrução da memória.
Acampamento/Assentamento	Origem do entrevistado
Tarefa no MST	Relações de trabalho que mantém com o movimento.

Quem	Pessoas importantes que marcaram a luta do Movimento e que fazem parte também da construção sócio histórica do estado e do país: ATORES, RELAÇÕES DE FORÇA
O quê	O que está sendo registrado: FATOS E/OU ACONTECIMENTOS
Como	Descrição de como aconteceu ao relembrar detalhes ocultos: RELAÇÕES DE FORÇA, ARTICULAÇÃO ENTRE ESTRUTURA E CONJUNTURA
Onde	Onde aconteceu: CENÁRIOS
Quando	Quando aconteceu: delimitação temporal Compreender “o antes e o depois do momento do ato fotográfico”: CONJUNTURA
Por quê	O motivo do registro, qual a intenção ao registrar tal fato ou acontecimento
Algo de significativo ou alguma lembrança relevante, que esteja viva na memória?	O que o registro representa para ser importante no auxílio à preservação da memória do MST.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A reunião e organização dessas narrativas permitiu uma análise de conteúdo que se desdobra em três etapas fundamentais, conforme concepção de Bardin (2011):

- a) uma **Pré-análise**: etapa responsável pela seleção, coleta e organização do material a ser analisado;
- b) a **Exploração do material**: que constitui o estudo aprofundado do material e escolha das unidades de análise (palavra, tema, termos, frases, símbolos, entre outros), a partir de critérios definidos que estabelecem as categorias de forma estruturada;
- c) e o Tratamento, Inferência e **Interpretação**: com os quadros de referência, a partir das narrativas fotográficas, os conteúdos serão apreciados e darão

origem a uma linguagem de representação, com termos padronizados que identificarão cada imagem e permitirão sua categorização.

Conforme Bardin (2011), a categorização é uma forma de classificação de elementos constitutivos de um conjunto em prol da realização da análise. Nesse processo os elementos são diferenciados e seguidamente reagrupados segundo seu gênero, utilizando-se critérios preestabelecidos. Para a autora, o tratamento dado ao material permite codificá-lo e esta codificação compreende três passos: recorte, classificação e agregação (escolha das categorias).

O recorte efetivou-se sobre um universo das fotografias constituintes do acervo impresso do MST existente na Secretaria Estadual do Movimento, na cidade de Fortaleza, Ceará. As imagens em foco representam a luta do movimento no estado, por meio de fatos e acontecimentos que marcaram o período de 1989 a 2005. Foram selecionadas três fotografias de cada fato ou acontecimento compreendido nesse período, que refletem o modo de atuação, a organização interna e as deliberações tomadas, referentes à execução dos princípios e lutas do MST.

O recorte escolhido, está sendo publicado apenas na presente dissertação, uma vez que as fotos pertencem ao Setor de Comunicação. Foram doadas ao Setor de Comunicação por assentados, assentadas e colaboradores do Movimento no estado do Ceará que participaram dos momentos registrados e que não necessariamente apareciam nas fotos, sem identificação de autoria do registro, mas com a devida autorização de uso da imagem dada por meio de declaração (Apêndice B) assinada pela coordenação do Setor de Comunicação do MST Ceará.

A classificação se deu inicialmente por: pessoas importantes (pessoas que contribuíram de forma incisiva para a fundação e construção do Movimento no estado), fatos e acontecimentos significativos para a construção do MST no Ceará. Quanto à agregação, foram escolhidas inicialmente as categorias: Pessoas, Ocupações, Eventos e Conquistas.

Foram selecionados junto aos integrantes seis fatos e acontecimentos que marcaram a construção do MST no estado do Ceará e 17 registros fotográficos desses momentos: Assentamento 25 de Maio: a conquista da Terra Prometida, uma fotografia; I Encontro Estadual do MST Ceará: conquista da assistência técnica aos trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra, uma fotografia; Cerco da Bezerra: por Educação, Trabalho, Renda e Água: seis fotografias; Criação do Setor de

Gênero, três fotografias; Caso Denir, três fotografias e Marcha Nacional pela Reforma Agrária 2005: Goiânia à Brasília, três fotografias.

Com isso, objetivou-se subsidiar uma rememoração, uma reconstrução e fortalecimento da memória do MST, Ceará, por meio de relatos suscitados a partir de registros fotográficos. Deste modo, promover o acesso à informação, é promover a produção e socialização de novos conhecimentos e a visibilidade dada à luta do Movimento tanto em nível estadual quanto nacional.

5 A NARRATIVA FOTOGRÁFICA EM FOCO

Neste capítulo apresenta-se a análise e síntese dos dados coletados na pesquisa, ou seja, constitui-se fase da pesquisa em que se torna possível a leitura de resposta(s) ao problema de pesquisa proposto: “Relatos orais mnemônicos, suscitados a partir de registros fotográficos (1989-2005) podem auxiliar na reconstrução/fortalecimento da memória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado do Ceará?” Procurou-se, evidenciar se os objetivos e metodologia propostos foram pertinentes ao processo de análise e obtenção dos resultados.

Em seguida, na subseção 5.1, apresentam-se as narrativas construídas a partir dos relatos orais adquiridos por meio de entrevistas aplicadas aos participantes da pesquisa. Foi solicitado que os participantes escolhessem os registros que mais representassem os fatos e/ou acontecimentos mais importantes na construção do MST no estado do Ceará. Em seguida, foi realizada a entrevista, seguindo-se o roteiro conforme o Apêndice A, com a finalidade de obter uma rememoração provocada a partir dos registros escolhidos.

Com o objetivo de organizar os dados coletados para alcançar as respostas ao problema proposto para a pesquisa, a análise de conteúdo se deu por meio de interpretação dos registros fotográficos com o auxílio dos relatos coletados por meio de entrevistas realizadas com seis militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Ceará, todos estes indicados pelo Setor de Comunicação. A indicação foi feita a partir da avaliação da relevância da contribuição do participante para a pesquisa por sua importância no Movimento no Ceará, devido a seu tempo de atuação, ao seu papel decisivo na fundação do MST no Ceará, assim como na construção do MST no estado.

Com fundamento nesses critérios, foram indicados os seguintes participantes: Dona Maria Lima, considerada precursora do MST no Ceará, que participou com como representante do estado do I Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, evento que se tornou o fato inicial para de fundação do MST nacionalmente; Maria de Jesus, que acompanha a luta do MST no estado desde a primeira ocupação; Neném, Lourdes e Zé Ricardo, devido a atuação nos primeiros anos de fundação do Movimento no Ceará e Erandir (Erius Tiaraju), fotógrafo e autor

de algumas fotografias (a partir de 2003) que compõem o acervo existente na Secretaria Estadual.

A partir das fases sugeridas por Bardin (2011), descritas na metodologia, inicialmente, foi feita uma **pré-análise** dos documentos coletados (entrevistas transcritas e registros fotográficos) para a organização e sistematização do conteúdo a ser analisado. A preparação do material foi realizada com a transcrição das entrevistas para uma “leitura flutuante” do material, permitindo sua preparação para permitir a **exploração**, fase constituída pela identificação de adequação das respostas às perguntas propostas no Quadro 2, que auxiliaram para a construção das narrativas fotográficas. Ao longo da construção das narrativas foi possível identificar as categorias propostas para a análise dos documentos fotográficos. A partir de então, foi possível o **tratamento e interpretação** dos dados com a sistematização por meio da construção de um quadro analítico (Quadro 3) orientado pelas categorias propostas por Souza (2009) observando-se a devida categorização das imagens constituintes do recorte desta pesquisa.

Conforme foram identificados os acontecimentos, a análise da narrativa fotográfica desenvolveu-se a partir dos relatos um Quadro Analítico com a categorização:

Quadro 3 – Quadro Analítico

FOTOGRAFIAS	QUEM (ATORES, RELAÇÕES DE FORÇA)	O QUÊ (FATO E/OU ACONTECIMENT O)	COMO (RELAÇÕES DE FORÇA, ARTICULAÇÃO ENTRE ESTRUTURA E CONJUNTURA)	ONDE (CENÁRIOS)	QUANDO (CONJUNTURA)	POR QUÊ	CATEGORIAS
ASSENTAMENTO 25 DE MAIO: A CONQUISTA DA TERRA PROMETIDA							Ocupações Conquistas Pessoas
Fotografia 1 – Primeira Ocupação do MST Ceará: Assentamento 25 de maio	Zé Rainha; Fátima Ribeiro; Nicolau; Nacélio; José Bastos; Dona Maria Lima (braço levantado com fivela no cabelo): Trabalhadores rurais Sem-Terra	Conquista do maior latifúndio do Ceará: Fazenda Reunidas; Assentamento 25 de maio; Primeira ocupação do MST no Ceará.	Nos anos 80 havia fome e pobreza, exploração por parte dos latifundiários: os trabalhadores não tinham direito de plantar pra se alimentar, plantavam para dar o patrão, dar meia ou pagar renda. Houve um trabalho de base com esses trabalhadores com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).	Fazenda Reunidas em São Joaquim em Madalena/ Quixeramobim - CE	25 de maio de 1989: fome, pobreza, exploração – trabalho de base com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base – 5 anos após a fundação do MST nacionalmente	A Vitória: a chegada à Terra Livre, à Terra Prometida.	

I Encontro Estadual do MST Ceará: conquista da assistência técnica aos trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra							Eventos Pessoas Conquistas
Fotografia 2 – I Encontro Estadual do MST Ceará	Ailton (blusa listrada); Deusália (segurando livro); Sérgio Pinto (ao centro na composição da mesa)	Encontro Estadual do MST Ceará sobre a assistência técnica aos trabalhadores rurais	No governo estadual de Tasso Jereissati: criação de cooperativas, mas com a ideia de industrialização – MST já vinha construindo a Confederação Nacional das Cooperativas dos Assentamentos de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB) e nos estados estava sendo construída a CCA (Cooperativa Central dos Assentados).	Sede da FETRAECE (Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Ceará) em Fortaleza-CE	1995: Governo Tasso Jereissati	Mesa de discussão com Sérgio Pinto que fez parte da primeira diretoria da CCA (Cooperativa Central dos Assentados) – criação da primeira experiência de assistência técnica para os assentamentos.	
CERCO DA BEZERRA: POR EDUCAÇÃO, TRABALHO, RENDA E ÁGUA							Ocupações Conquistas Pessoas
Fotografia 3 – Ocupação SDR atual SDA	Neném (dormindo no chão)	Ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	Todos dormiam e alguns ficavam olhando, cuidando um dos outros – período de muita repressão	Avenida Bezerra de Menezes em Fortaleza-CE. Em frente à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	26 de novembro a 13 de dezembro de 1997	Sem infraestrutura na ocupação pessoas dormem com papéis	

Fotografia 4 – Corrente de Resistência: chegada da polícia	Eliane Ribeiro; Lourdes (livro na mão); Maria de Jesus (com microfone); D. De Jesus	Ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	Ao saberem dos policiais chegando começou o momento de oração	Avenida Bezerra de Menezes em Fortaleza-CE. Em frente à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	Madrugada de 13 de dezembro de 1997: Governo Estadual de Tasso Jereissati	Momento de tensão do início do cerco da polícia	
Fotografia 5 – Solidariedade: união campo e cidade	Lourdes (com lençol na mão); Ernesto; Eliane Helena;	Ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	Momento de organização para pegar alimentos jogados pela população fora do cerco policial; Representa a união campo e cidade contra a repressão exercida pelo Governo do Estado: a solidariedade da sociedade no apoio a luta ao jogar alimentos	Avenida Bezerra de Menezes em Fortaleza-CE. Em frente à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	Madrugada de 13 de dezembro de 1997	Organização para conseguir alimentos jogados por pessoas que estava apoiando a ocupação	
Fotografia 6 – Cerco do povo x cerco da polícia	Deusália com criança	Ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	Cordão de policiais cercando a ocupação e cordão dos militantes do MST com o apoio da sociedade civil; muitas crianças ficaram apavoradas como tinha acontecido o Massacre de Eldorado do Carajás, então para as crianças a	Avenida Bezerra de Menezes em Fortaleza-CE. Em frente à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria Desenvolvimento Agrário (SDA)	13 de dezembro de 1997: manhã seguinte ao cerco da polícia	Cordão de trabalhadores e trabalhadoras Sem-terra e apoiadores da ocupação para proteção da ocupação à repressão da polícia.	

			polícia era sinônimo de morte.				
Fotografia 7 – Celebração da Vitória: a conquista da resistência	Alguns padres e pastores; Padre Marcos (no canto direito); Maria de Jesus (segurando criança); o pai da criança (com o microfone)	Ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA)	Houve a conquista das pautas reivindicadas pelo Movimento naquele momento, devido à resistência de continuação na ocupação.	Avenida Bezerra de Menezes em Fortaleza-CE. Em frente à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA)	Tarde do dia 13 de dezembro de 1997: último dia da ocupação e comemoração das conquistas.	Celebração ecumênica de encerramento da ocupação; Conquista de 93 projetos de estruturação de assentamentos e primeiro projeto de alfabetização; solidariedade da população à luta do MST	
Fotografia 8 – Confraternização: a Reforma Agrária é uma luta de todos	Anderson (blusa com quadros coloridos); irmã Dalice (com criança no braço); Josenildo (blusa branca, no canto de direito) e ao lado Antônio; Igreja, movimentos sociais, sindicatos e população em geral.	Ocupação na Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA); Militantes do MST e setores da sociedade em ato de celebração e confraternização	Pessoas celebrando a conquista no encerramento da ocupação. Celebração do primeiro momento de luta do MST Ceará com intensa mobilização e apoio da sociedade; período de repressão.	Avenida Bezerra de Menezes em Fortaleza-CE. Em frente à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA)	Tarde do dia 13 de dezembro de 1997	Confraternização e grande apoio da sociedade a luta do Movimento. Conquista das pautas reivindicadas na ocupação	
CRIAÇÃO DO SETOR DE GÊNERO							Eventos Conquistas Pessoas

Fotografia 9 – Lourdes e Tereza: primeiras mulheres a construir o setor de gênero no Ceará	Lourdes e Tereza	Criação do Setor de Gênero do MST: início dos debates de gênero dentro do MST	Mulheres deixavam de participar dos espaços de formação, debates e tomadas de decisões por conta dos filhos e filhas.	Momento de formação Do MST Ceará	1996 o Ceará foi o primeiro estado do Brasil a ter esse tipo de iniciativa e depois virou o que é hoje de Ciranda Infantil, ou seja, a partir desse período começou a ser dada as condições para a participação das mulheres nos espaços de formação política e de decisões	Primeiros passos para a discussão de gênero no MST	
Fotografia 10 – Primeiros passos do debate de gênero: formação de homens, mulheres e crianças	Base social do MST: assentados e assentadas com seus filhos e filhas	Acampamentos formativos de mulheres: discussão do papel da mulher na sociedade e no Movimento	Mulheres deixavam de participar dos espaços de formação, debates e tomadas de decisões por conta dos filhos e filhas.	Acampamentos Formativos de mulheres	1996: Fortalecimento do debate de gênero no MST	Preocupação do MST fomentar o debate político de forma horizontal, ou seja, construir com sua base social.	
Fotografia 11 - I Encontro Regional das Mulheres Sem-Terra	Mulheres dirigentes do MST	I Encontro Regional das Mulheres Sem-terra: foi possível tirar as linhas políticas do Setor de Gênero	Aprofundamento do debate de gênero e criação do setor de gênero	I Encontro Regional das Mulheres Sem-terra	Entre 1996 e 1998	Articulação ente as mulheres desde a base até as instâncias nacionais.	
CASO DENIR							Pessoas Ocupações
Fotografia 12 – Velório de Denir	Pai de Denir (em pé) e Denir (sendo velado)	Assassinato de Denir	Assassinato de Denir: 41 disparos por pistoleiros.	Fazenda em Ocara: Ocupação pela Comissão Pastoral da Terra	2000: Período de muita repressão (Governo de Fernando Henrique	Registro de um assassinato de um trabalhador acampado:	

				(CPT)	Cardoso)	primeiro assassinato na luta pela terra no estado do Ceará	
Fotografia 13 – Trabalhador rural Sem-terra ferido: vítima da emboscada contra Denir	Trabalhador rural Sem-terra ferido	Assassinato de Denir	Registros de um dos 12 feridos ao tentar socorrer Denir	Fazenda em Ocara: Ocupação pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)	2000: Período de muita repressão (Governo de Fernando Henrique Cardoso)	Registro de um assassinato de um trabalhador acampado: primeiro assassinato na luta pela terra no estado do Ceará	
Fotografia 14 – Trabalhadora rural Sem-terra ferida: vítima da emboscada contra Denir	Trabalhadora rural Sem-terra ferido	Assassinato de Denir	Registro de um dos 12 feridos ao tentar socorrer Denir	Fazenda em Ocara: Ocupação pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)	2000: Período de muita repressão (Governo Fernando Henrique Cardoso)	Registro de um assassinato de um trabalhador acampado: primeiro assassinato na luta pela terra no estado do Ceará	
MARCHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA 2005: GOIÂNIA À BRASÍLIA							Eventos
Fotografia 15 – Marcha Nacional de 2005	Trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra do estado do Ceará	Trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra em marcha	Trabalhadores caminhando em Marcha rumo à Brasília	Goiânia à Brasília	2005: Período do Governo Lula	Registro que representa o instrumento do trabalho do trabalhador rural: a foice	
Fotografia 16 - Amanhecendo em Marcha	Trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra do estado do Ceará	Trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra em marcha	Trabalhadores caminhando em Marcha rumo à Brasília: saída em marcha pela manhã	Goiânia à Brasília	2005: Período do Governo Lula	Registro da saída da Marcha pela manhã	

			e á tarde formação				
Fotografia 17 – Quadrilha para animar a Marcha	Trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra do estado do Ceará	Trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra dançando: O MST Ceará ficou com a tarefa de animar a Marcha no dia do registro	Trabalhadores dançando, animando a Marcha rumo à Brasília.	Goiânia à Brasília	2005: Período do Governo Lula	Trabalhadores dançando do MST Ceará animando a Marcha rumo à Brasília: representa a renovação de esperança de conquistas.	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5.1 Assentamento 25 de Maio: a conquista da Terra Prometida

Na madrugada do dia 25 de maio houve a primeira ocupação do MST no estado do Ceará, marcando também o início da luta do Movimento no estado. A ocupação na Fazenda Reunidas, um dos maiores latifúndios do estado Ceará, foi realizada por 400 famílias de vários municípios do Sertão Central: Quixadá, Canindé, Mombaça, Madalena, Choró Limão, que se uniram para a ocupação na madrugada do dia 25 de maio de 1989. Havia, na época, muitos conflitos por terra no estado do Ceará, pois os latifundiários não pagavam a renda. Desde o 1º Encontro Nacional dos Sem-Terra, em 1984, D. Maria Lima participou representando o estado Ceará, iniciou-se o processo de trabalho de base com trabalhadores com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), que não tinham terra para trabalhar. Sobre o processo de construção do MST no Ceará ela conta que

Depois daquele encontro, a gente já vivia numa luta, mas uma luta... A gente já vivia numa luta usando as dinâmicas tudo p'ra lutar pela terra, mas era proibido a gente dizer que estava lutando por terra, a gente entrava nas fazendas evangelizando, um Evangelho libertador, tinha havido uma mudança na igreja, nas dioceses: abriram as portas para que os trabalhadores pudessem se organizar porque a miséria estava grande, a fome, as doenças o povo morrendo, morrendo muita criança, aí veio do Sul. [...]

Aí com a nossa continuidade de irmos pregando o Evangelho e as pessoas indo ajudar nós, formamos comunidade aí nós fomos enxergando que nós estava se entregando por falta de união, nós tinha que se unir, acreditar um no outro e lutar pelos nossos direitos porque nós estava sendo muito escravizado e estava tendo uma oportunidade muito grande dos companheiros que vieram pra ajudar nós a se organizar e daí por diante começamos a se organizar e fazer reunião nas bases ajudando aqueles mais pobres.

Fotografia 1 – Primeira ocupação do MST Ceará: Assentamento 25 de maio



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Dona Maria Lima encontra-se no canto esquerdo da fotografia 1, com o cabelo amarrado com uma fivela. Ela lembra-se com toda emoção que aquela madrugada foi resultado de cinco anos de luta por terra no estado do Ceará, que finalmente haviam conquistado a “Terra Prometida” e que não se submeteriam mais à exploração por parte do patrão.

Na fotografia 1, os trabalhadores estão com as ferramentas nas mãos simbolizando as ferramentas de trabalho no campo: a foice, machado e enxada, reafirmando o compromisso com a luta e com o trabalho na terra.

A madrugada do dia 25 de maio de 1989 simboliza a conquista da Terra Prometida que tanto se ouvia nos Evangelhos pregados e a união dos trabalhadores e trabalhadoras rurais do estado do Ceará, marca o início da luta pela Reforma Agrária, realizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado Ceará.

5.2 | Encontro Estadual do MST Ceará: conquista da assistência técnica aos trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-terra

Nos anos 1993 e 1994, inicia-se um processo, pelo governo estadual de Tasso Jereissati, para formar um movimento de cooperativas com o campo e a cidade, porém com a ideia de industrialização, levando a indústria de sapatos para as cidades, não pagando os direitos trabalhistas¹³.

¹³ Para uma melhor compreensão das diferenças entre as cooperativas tradicionais e cooperativas dos assentamentos do MST, conta no ANEXO B uma Tabela de resumo de tais diferenças retiradas do Caderno de Formação nº 20 de 1993 (p. 37), que trata sobre as cooperativas nos assentamentos.

Fotografia 2 – I Encontro Estadual do MST Ceará



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Maria de Jesus atua no Setor de Educação do MST Ceará e compõe a Direção Estadual. Ela alega que

Fizemos uma luta p'ra não se submeter à proposta dessa cooperação. Aqui no Ceará a gente criou a primeira experiência de assistência técnica para os assentamentos, depois resultou numa política pública chamada Lumiar¹⁴ e antes era um projeto específico para os assentamentos de Reforma Agrária.

Neste período, nacionalmente o MST já vinha construindo a Confederação Nacional das Cooperativas dos Assentamentos de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB) e nos estados estava sendo construída a Cooperativa Central dos Assentados (CCA). A fotografia 2 foi registrada no 1º Encontro Estadual do MST Ceará, realizado na sede da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Ceará (FETRAECE), em Fortaleza, em que foi feita a discussão muito sobre que tipo de assistência técnica interessa aos trabalhadores, no estado do Ceará.

¹⁴ Projeto realizado pelo Incra com intuito de implementar o Programa Qualidade e Produtividade nos Assentamentos de Reforma Agrária, com o objetivo de prestar assistência técnica às famílias assentadas: um serviço de consultoria aos agricultores e agricultoras na produção, plantações e criação de animais. (INCRA, [2000?]).

5.3 Cerco da Bezerra: por Educação, Trabalho, Renda e Água

Em 1996, chega-se ao quinto ano de seca no Ceará, um período de luta com muita resistência, caracterizado por um período de repressão, que teve Fernando Henrique Cardoso como Presidente da República e Tasso Jereissati como governador do estado do Ceará. Não estavam sendo possíveis acordos e conversas com o Governo do Estado.

A Ocupação teve início em 26 de novembro até o dia 13 de dezembro de 1997, completando 17 dias de ocupação em frente à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), atual Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA). Foram dias de muita resistência e luta por infraestrutura nos assentamentos: educação, trabalho, renda e água; além de um ato de denúncia ao Massacre em Eldorado do Carajás¹⁵ (Anexo A), denunciando esse período de repressão.

Fotografia 3 – Ocupação SDR atual SDA



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Os trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem-Terra ocuparam a Avenida Bezerra de Menezes, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Nenhum que

¹⁵ O Massacre de Eldorado dos Carajás ocorreu em 17 de abril de 1996 resultando no assassinato de 21 homens trabalhadores rurais Sem-Terra na curva do S, a rodovia PA 150 em Eldorado dos Carajás-PA. Alvejados pela polícia ao interromper uma marcha que chegaria até a capital Belém, em protesto pela Reforma Agrária. Estavam em marcha para Belém, quando foram alvejados pela polícia interrompendo a marcha (sem negociação) em protesto pela Reforma Agrária. Foi o segundo massacre do governo de Fernando Henrique Cardoso, o primeiro foi Corumbiara, Rondônia em 9 de agosto de 1995. (FERNANDES, 2000; ZONTA, 2014).

atualmente compõe a Direção Nacional do MST e coordena o Setor de Produção, está na Fotografia 3 vestida com uma blusa branca e dormindo no chão, relembra:

Não tínhamos infraestrutura suficiente, todo mundo dormia na calçada, no asfalto e o forro era papelão pra dormir, [...] tínhamos uma união muito grande, todo mundo dormia e alguns ficavam olhando, cuidando dos outros enquanto a gente dormia no acampamento.

Fotografia 4 – Corrente de Resistência: chegada da polícia



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

O “cerco” da polícia foi a resposta dada pelo governo do estado do Ceará à ocupação. Na madrugada do dia 13 de dezembro (último dia da ocupação) policiais chegaram com o corpo de bombeiros com jatos de água para a expulsão dos trabalhadores e trabalhadoras e outros setores que estavam apoiando o Movimento: sindicatos, Igreja, imprensa e outras pessoas da sociedade civil que se solidarizaram com a luta à repressão sofrida naquele momento. Neném continua relatando sobre o momento da chegada da polícia:

Então a gente tinha um momento de apreensão, a gente não tinha o que fazer, então a gente deu as mãos de madrugada. [...] Escolhi essa foto porque representa muitas mulheres e no acampamento tínhamos muitas mulheres e todo mundo de mãos dadas. [...] A gente fez um grande cerco em torno do acampamento no meio ficou as crianças e as pessoas que estavam mais nervosas [...] e em volta demos as mãos e fizemos uma corrente que tinha música e enquanto a gente cantava eles anunciavam que iam chegando, mas a gente não sabia direito o que ia acontecer.

Diante da chegada dos policiais, começaram a rezar na tentativa de conseguir acalmar outros acampados e acampadas no momento de tensão (Fotografia 4).

Maria de Jesus, que está segurando o microfone, estava coordenando esse momento e relembra que

o que dava mais força a nós era a solidariedade, porque o próprio acampamento já tinha muitas pessoas da sociedade, por exemplo, Eudoro Santana que era deputado já estava com nós, ele trouxe a rádio Assunção, programa que estava sendo ao vivo, esse programa veio pra dentro do Acampamento, nós já tínhamos imprensa, sindicalistas, padres, tudo isso deu força a nós.

Fotografia 5 – Solidariedade: união campo e cidade



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

A fotografia 5 retrata a solidariedade campo e cidade, momento de organização para pegar alimentos jogados pelas pessoas do lado de fora do cerco policial que impediu a entrada de água e comida. Lourdes, que atualmente compõe o Setor de Educação no Estado, segura o lençol para conseguir pegar os alimentos jogados pelas pessoas e setores da sociedade que apoiaram o Movimento e relembra:

O pessoal jogava garrafa d'água e a gente aparava do outro lado [...] o pessoal jogava biscoito e a gente aparava. [...] A tensão foi muito forte, tinha hora que eles ameaçavam com cachorro, ora eles botavam a cavalaria na frente outra hora era o corpo de bombeiro com mangueira, ameaçando com jato d'água [...] Aí com essa solidariedade começou o pessoal a jogar comida, um dos momentos fortes do conflito é de que nos jogaram tão forte e os biscoitos foram pisoteados pelos policiais, tem até uma foto no Jornal o Povo. [...] porque nessa hora os deputados foram pra cima pegar o biscoito e aí teve um conflito e alguns deputados apanharam da polícia também nesse conflito.

Fotografia 6 – Cerco do povo x cerco da polícia



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Desde às 23 horas do dia 12 de dezembro, às 17 horas do dia 13 do mesmo mês, o período foi marcado por muita tensão devido aos cordões compostos por policiais de vários batalhões, e não somente o de choque, como mostrado na foto, formando um cerco, impedindo a entrada e saída não só de pessoas, mas de água e comida para os acampados e acampadas. Maria de Jesus relata:

Foi um dos gestos mais lindos que vi, a polícia cercou nós e o povo cercou nós, a polícia contra nós e o povo defendendo nós e foi essa correlação de forças que fez o governo recuar. Proíbiam água, comida e o povo jogava água e comida, a polícia pisava e a gente tomava deles.

A fotografia 6 mostra o momento em que Deusália, militante do MST Ceará, tira uma criança assustada entre o cerco de policiais e o cordão formado pelos acampados. Também foi um episódio marcado por intensa mobilização da população em apoio à ocupação. Sobre a reação das crianças, Neném conta que

Muitas crianças ficaram apavoradas porque nunca havia visto tanto policial e como tinha acontecido o ataque em Eldorado, então para as crianças a polícia era sinônimo de morte. [...] Teve uma menina que entrou em pânico, não conseguia falar, tava toda dura.

Fotografia 7 – Celebração da Vitória: a conquista da resistência



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Nessa foto do encerramento do acampamento, observa-se Maria de Jesus, uma das participantes entrevistadas da pesquisa, segurando uma criança que estava também na ocupação, simbolizando a resistência. Ao lado, o pai da criança, falando ao microfone. Ao final do acampamento, houve uma Celebração Ecumênica, a polícia não conseguiu tirar os acampados devido ao apoio da sociedade (algumas pessoas participaram da ocupação também). Houve a conquista das pautas reivindicadas pelo Movimento naquele momento, devido à resistência de continuação na ocupação. Neném relata que

O 97 foi um momento muito importante pro movimento, era o momento da retomada de repressão, do massacre de Eldorado do Carajás, de toda a perseguição com o movimento e foi também o momento da Marcha Nacional ter acontecido, foi um movimento de marchas estaduais...

[...]

Tínhamos reunido com o governo [estadual] antes do cerco, ele [o governador Tasso Jereissati] não tinha dado muita perspectiva e no dia do cerco, durante o cerco, às 4 horas da tarde que abriu o cerco, fomos pruma audiência, conseguimos ter essas conquistas. Conquistamos 93 projetos de estruturação de assentamentos. Foi aí quando a gente aprovou os primeiros projetos de instalação de energia nos assentamentos de estradas, de apoio à produção, mas também conseguimos o primeiro projeto de alfabetização.

Fotografia 8 – Confraternização: a Reforma Agrária é uma luta de todos



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Nesse momento da Celebração Ecumênica, pessoas comemoram levantando o braço ao gritar palavras de ordem. Representa não só a comemoração na conquista de direitos por meio da luta, mas a confraternização, celebrando também o apoio dado pela sociedade durante a ocupação. Zé Ricardo, que compõe a Direção Estadual do MST e o Setor de Formação Nacional, ao olhar o registro desse momento relembra:

A gente via na nossa frente o massacre, via na nossa frente uma repressão descabida. [...] Essa p'ra mim foi uma das maiores formas de aparato de repressivo que já vi na minha vida. Aqui, pessoas levantando braços com palavra de ordem, [...] outros rindo simboliza essa capacidade do movimento, reconhecer a luta, de reconhecer o papel de cada homem, de cada mulher, de cada criança, de cada jovem [...], de reconhecer o apoio da sociedade, esse marco na nossa vida também simboliza que a gente embora não tenha arrancado, conquistado tudo aquilo que nós queríamos, a pauta é extensa, mas também simboliza a gente ter arrancado algumas conquistas.

É o momento que marca a luta do MST no estado e mostra não só a capacidade que o movimento tinha naquele momento como o apoio da sociedade à luta pela Reforma Agrária.

5.4 Criação do Setor de Gênero

Entre 1996 e 1998, dois acontecimentos foram fundamentais para a criação do setor de gênero no MST, sendo o Ceará muito decisivo. Os Encontros de Mulheres (acampamentos formativos) e de Gênero que aconteceram nesse período, foram muito importantes, contribuindo para que o MST passasse a ser um dos movimentos que mais mobiliza mulheres no Brasil. As mulheres estão presentes desde os primeiros acampamentos. Lourdes conta como iniciou o processo de criação do Setor de Gênero:

A Formação de Educadores, projeto do Setor de Educação tinha no Ceará de formação de professores de EJA (Educação de Jovens e Adultos) em parceria com a Unesco nós conquistamos 40 turmas e aí precisávamos formar as educadoras e educadores durante duas semanas e uma das alegações é que elas não podiam vir pras formações porque não tinha com quem deixar os filhos, aí foi quando a gente teve no setor de Educação a ideia de formar na época, a gente chamou de creche.

Portanto, em 1996 o Ceará foi o primeiro estado do Brasil a ter esse tipo de iniciativa, que depois se transformou no que é hoje, Ciranda Infantil, ou seja, a partir desse período começaram a ser dadas as condições para a participação das mulheres nos espaços de formação política e de decisões. Com a criação da Ciranda Infantil foi possível iniciar o debate sobre a participação das mulheres no Movimento. Lourdes relata:

Então, entre 1996 e 1998 a gente fez uma combinação de garantir as condições efetivas de participação das mulheres e a Ciranda Infantil foi o primeiro passo para a inserção do debate de gênero e participação efetiva das mulheres na militância do Movimento. No ano seguinte, em 1997 houve a primeira iniciativa a nível nacional no I Encontro Nacional dos Educadores da Reforma Agrária (ENERA).

Fotografia 9 – Lourdes e Tereza: primeiras mulheres a construir o setor de gênero no Ceará



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Na fotografia 9, estão registrados os primeiros passos para o debate do feminismo no MST. Lourdes (com uma folha na mão) e Tereza (com o microfone) foram as primeiras mulheres a construir e inserir esse debate no MST no Ceará.

Lourdes relembra:

Essa foto mostra os primeiros, a gênese de como fomos se formando como mulheres dirigentes, de um setor e direção estadual. Um dos momentos de debate da discussão de gênero com mulheres do MST. Atividade em Canindé de discussão de gênero.

Fotografia 10 – Primeiros passos do debate de gênero: formação de homens, mulheres e crianças



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Ainda em 1996, tiveram início os “acampamentos formativos de mulheres”, quando foram realizados vários encontros de mulheres para discutir suas condições de participação, tanto na sociedade, quanto no próprio Movimento. Na fotografia 10, é possível observar as assentadas e filhos e filhas de assentados, ou seja, é representada a discussão construída com a base social do Movimento. E Lourdes enfatiza que essa foto representa a “preocupação do MST de tomar adesão política, do debate político, mas ele ir pra base, então esse vínculo organizativo com a base é muito importante”.

Fotografia 11 - I Encontro Regional das Mulheres Sem-Terra



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

O I Encontro Regional das Mulheres foi realizado para articular as mulheres dirigentes do MST. Buscou-se discutir as relações de gênero dentro do Movimento e o estado do Ceará teve grande importância porque foi a partir daí que foram tiradas as linhas políticas do Setor de Gênero¹⁶ (Anexo C) como: Ciranda Infantil, a titulação da terra ficar no nome da mulher e do homem, presença de um homem e de uma

¹⁶ O Setor de Gênero do MST foi criado no Encontro Nacional do MST em 2000. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

mulher na representatividade do movimento, e a participação das mulheres em todo o processo da própria produção. Lourdes reforça que

Ao mesmo tempo que a gente luta por terra e por Reforma Agrária a gente faz novas relações sociais porque não adianta lutar pela terra se o ser humano não está liberto.[...] Articulação que o movimento faz entre a base, a militância, a região a nível nacional é uma coisa só que vai acontecendo e a gente vai fazendo, articulação entre as mulheres desde a base até a as instâncias nacionais.

5.5 Caso Denir

O primeiro conflito no campo, envolvendo um trabalhador rural Sem Terra no estado do Ceará, ocorreu no dia 25 de julho de 2000. Neste dia, Denir foi vítima de uma emboscada, e assassinado. Foi exatamente no Dia do Trabalhador Rural, dia também em que os assentamentos estavam se organizando para ir a uma missa de celebração em Chorozinho, no assentamento Zumbi dos Palmares, assentamento do qual Lourdes fazia parte. Ela Relembra,

[...] Quando a gente chegou, já estava o terror no acampamento, foi mais de meia hora de disparos e tiros; o acampamento estava todo pronto pra vir pra missa. [...] ele morreu todo preparado pra vir pra missa com chapéu de palha e tal, tinha até bombom no bolso dele.

Fotografia 12 – Velório de Denir



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

A fotografia 12 registro o velório de Denir, cujo pai está em pé chorando. Francisco Aldenir Mesquita (Denir) era um jovem militante, havia participado do Cerco da Bezerra de Menezes e estava à frente da ocupação organizada pela CPT (Comissão Pastoral da Terra)¹⁷ que hoje se chama Assentamento Denir, na cidade de Ocara-CE. Solicitaram ajuda do MST na organização do acampamento, Lourdes relata que

O acampamento não estava dentro da área, ele [o acampamento] estava numa área externa na comunidade, mas tinha uma cerca da fazenda que eles pegavam água da fazenda ocupada, então o grande problema do conflito é que a dona da fazenda queria impedi-los de pegar água do açude pra beber. [...] foi uma cena política montada, ela contratou os pistoleiros, eles passaram 40 minutos atirando. [...] Chamaram o Denir e ele foi inocentemente perto da cerca e quando deu as costas o primeiro tiro foi na nuca. Alguns acampados correram pra socorrer e foram recebidos à bala, na hora ficou 12 feridos.

Fotografia 13 – Trabalhador rural Sem-terra ferido: vítima da emboscada contra Denir



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

¹⁷ CPT é um movimento camponês de luta pela terra fundado em 1975 (período da ditadura civil militar, em que houve muita repressão e assassinatos na luta no campo, criada em resposta à violência e retirada de direitos sofrida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, explorados, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam. Nasceu ligado à Igreja Católica, mas logo adquiriu caráter ecumênico. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/sobre-nos/historico>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

Fotografia 14 – Trabalhadora rural Sem-terra ferida: vítima da emboscada contra Denir



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Nas fotografias 13 e 14 são mostrados trabalhadores rurais Sem-terra feridos, duas das vítimas que tentaram socorrer Denir da emboscada em que foi assassinado. Até então, foi o primeiro conflito com esse grau de violência do MST no Ceará.

5.6 Marcha Nacional pela Reforma Agrária 2005: Goiânia à Brasília

Em 1997 acontece a Marcha Nacional pela Reforma Agrária rumo à Brasília foi a segunda marcha nacional (a primeira em 1997): foram 17 dias de caminhada. Trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem Terra do estado participaram da mesma.

Fotografia 15 – Marcha Nacional de 2005



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

Ao analisar a fotografia 15 Erandir (ou Erius) lembra do motivo pelo qual registrou esse momento:

É muito representativo porque tem essa foice e sol iluminando o cabo dela, é muito representativo a foice para os Sem-terra, [...] instrumentos de trabalho para o movimento Sem Terra, aí tem a bandeira de lado. [...] A gente tinha um radinho pra gente ficar ouvindo porque era 5 km de marcha. A gente escutava as canções e ouvindo radinho pra gente se animar também, tinha uma rádio itinerante que a gente chamava.

Fotografia 16 - Amanhecendo em Marcha



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

A Marcha iniciava ao amanhecer e à tarde era o momento de descanso e formação. Erandir relembra da importância da Marcha para o Movimento:

Marca muito essa foto de marcha pra gente porque o Movimento Sem-terra, nossa conquista é nas lutas, nas marchas. A marcha é o que mais me marca no Movimento Sem-terra [...] e renova as esperanças. [...] Chegamos em Brasília, era lindo o pessoal apoiando a gente na cidade.

Fotografia 17 – Quadrilha para animar a Marcha



Fonte: Acervo do Setor de Comunicação do MST Ceará

A fotografia 5 representa o dia em que o estado do Ceará teve a tarefa de animar a Marcha. O Ceará sendo responsável pela animação da Marcha realizou a apresentação de uma quadrilha para mostrar um pouco da cultura do Nordeste, sendo que a Marcha por ser nacional era constituída por todos os estados do Brasil.

Com as narrativas apresentadas, tornou-se possível descrever aspectos sociais históricos e culturais da memória coletiva do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra possibilitando a recuperação de fatos e acontecimentos que marcaram a luta do Movimento no Ceará.

Percebe-se como sugere Sontag (2004, p. 183), que as fotos históricas ilustram a narrativa, preenchendo a imagem mental do passado, embora os acontecimentos presentes e as notícias de hoje a transformem, contribuindo para o que se entende como recriação. O conjunto dessas narrativas pode ser considerado, neste caso, o campo por excelência de expressão e ressignificação de códigos construídos na trajetória do Movimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a importância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra para a construção sócio histórica do estado do Ceará, que por meio de lutas alcançou grandes conquistas não só para o Movimento como para a sociedade cearense. E a fotografia, enquanto instrumento de registro e disseminação de informações, com auxílio dos relatos orais pode revelar detalhes ocultos: o antes e o depois do fato registrado e auxiliar na reconstrução da história e da memória coletiva.

Assim, essa reconstrução, carregada de expectativas, é capaz de estabelecer uma relação inferencial em que a realidade revelada por seus vestígios, ao proporcionar uma visão imediata e retroativa da experiência passada, prenuncia o que se pode esperar como futuro.

Compreendendo que para analisar um registro fotográfico é preciso saber o antes e o depois do ato fotográfico, percebe-se a importância das narrativas para a contextualização do documento à realidade em que ele está inserido. Podemos considerar que a fotografia é uma narrativa “aliada à memória, com seus personagens e cenários. Assim como conclusão concorda-se com Romanovsky (2009, p. 362) quando afirma que “ler a fotografia conduz a uma segunda narrativa a partir da imagem que comporta em si uma realidade apreendida da realidade propriamente dita.”

Deste modo, os registros fotográficos que compõem o recorte desta pesquisa, junto à rememoração expressa nos relatos orais, foram submetidos à narrativa fotográfica, buscando-se evidenciar os principais aspectos registrados a partir de seus respectivos contextos imediatos. Com isso, tornou-se possível, recuperar conteúdos informacionais sociais e históricos, auxiliando na reconstrução de aspectos de fatos e acontecimentos da memória social e coletiva que marcaram a construção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado do Ceará em seus primeiros anos.

A modo de um roteiro não linear, os elementos descritos a partir da leitura das fotos foram analisados e interpretados com as limitações do tempo impostas para uma dissertação de mestrado. Entretanto, cada um dos episódios e acontecimentos em pauta suscita lembranças e possibilidades múltiplas de ampliação dos elementos analíticos, motivando a pesquisadora e participantes a outros estudos, não somente

sobre essa realidade, mas sobre outras que possam ser tratadas com esse mesmo tipo de proposta metodológica. Pretende-se, assim, em trabalhos posteriores, continuar o aprofundamento teórico a partir das provocações da realidade concreta, visando contribuir nas discussões relacionadas ao tema na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, F. A. G. de; DINIZ, A. S. MST – Ceará, 20 anos de marchas. **Mercator**, Fortaleza, v. 9, n. 20, p. 133-148, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/mercator/article/view/776/753>. Acesso em: 20 ago. 2018.

ARARIPE, F. M. A. Do matrimônio cultural e seus significados. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 111-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/715/695>. Acesso em: 20 out. 2014.

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, RS, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=historiaemreflexao&page=article&op=view&path%5B%5D=412&path%5B%5D=302> pesquisa. Acesso em: 7 jul. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, M. A. Memória e Sociedade Contemporânea. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 161-176, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/506/651>. Acesso em: 20 dez. 2015.

BARTHES, R. **A Câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BLOCH, M. **Introdução à História**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

BONI, P. C.; HOFFMANN, M. L. Guardião de imagens: memórias fotográficas e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 147-164, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/21811/14309>. Acesso em: 27 nov. 2015.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2003. <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8247.html4/4>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BOURDIEU, P.; BOURDIEU, M. C. O camponês e a fotografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 31-39, jun. 2006. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/8103>. Acesso em: 16 abr. 2017.

BRITO, L. S. Histórias e memórias institucionais captadas a partir do estudo de acervos fotográficos. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.11, n.3, não paginado, jun.

2010. Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun10/Art_02.htm. Acesso em: 30 nov. 2014.

BUFREM, L. S; FREITAS, J. L. Interdomínios na literatura periódica científica na Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.16, p. 2-20, 2015.

CALDART, R. S. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo**. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Cadernos Temáticos: educação do campo. Curitiba: SEED – Pr. 2005.

CAVALCANTE, L. E. Memória, informação e acervo. In: BENTES PINTO, V. _____; SILVA NETO, C. (Orgs.). **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares gêneses e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

CHAUÍ, M. S. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 2006.

COSSIO, L. **O documento como instrumento de luta socioecológica: uma realidade da colônia dos pescadores de matinhos**. 2011. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CPT. Comissão Pastoral da Terra. Disponível em: <http://www.cptnacional.org.br/sobre-nos/historico>. Acesso em: 31 jan. 2019.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, M. R. da. A memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/22062/14313>. Acesso em 20 out. 2014.

DODEBEI, V. L. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DPH. O Setor de Gênero do MST. Disponível em: <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8247.html4/4>. Acesso em: 10 fev. 2019.

DUARTE, L. F. D. Memória e reflexividade na cultura ocidental. 2. ed. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FARIAS, M. C. Q. S.; BIZELLO, M. L. Memória e representação: reflexões para a organização do conhecimento. **Scire**, v. 22, n. 2, p. 99-106, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/viewFile/4365/3860>. Acesso em: 25 out. 2017.

FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Registro de conhecimentos da Comunidade Santa Clara no ciberespaço. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 253 - 266, jul./dez.

2010. Disponível em:

<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/14278>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Disponível em:

<http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibliotLT&pesq=Eldorado+dos+Caraj%C3%A1s>. Acesso em: 10 out. 2018.

FRANÇA, M. C. C. de C. A memória intrageracional e a memória compartilhada sobre as experiências transmitidas entre avós e netos em Teutônia (RS). **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 53-81, 2004.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4739/2663>.

Acesso em: 16 jun. 2017.

GALEANO, E. **As veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

GERHKE, M. **Escrever para continuar escrevendo: as práticas de escrita da escola itinerante do MST**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

GONDAR, J. Memória, poder e resistência. In: _____; BARRENECHEA, M. A. de. (Org.). **Memória e espaço: trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HOLANDA, A. B. de; SILVA, F. M. e. Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço.

DataGramZero, Rio de Janeiro, v.13, n.5, out. 2012. Disponível em:

http://www.dgz.org.br/jun10/Art_02.htm. Acesso em 20 jan. 2019.

INCRA. RESUMO DAS ATIVIDADES DO INCRA: 1995 / 1999. Brasília: INCRA, [2000?]. Disponível

em:http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/servicos/publicacoes/relatorios/outros-relatorios/relatividades_95-99.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

LAVILLE C., DIONNE J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Bricquet de Lemos/Livros, 2004.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LE GOFF, J. **Reflexões sobre a história**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1999.

LISSOVSKY, M. A Máquina de esperar. In: GONDAR, Jô.; Barrenechea, Miguel Angel de. (Org.). **Memória e espaço**: Trilhas do contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2003.

MANINI, M. P. Imagem, memória e informação. **Domínios Da imagem**, Londrina, n. 8, p. 77-88, maio, 2011. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23354>.
Acesso em: 01 fev. 2019.

McGARRY, K. **O Contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília, DF: Brique de Lemos/Livros, 1999.

MEDINA, C. A. **Entrevista**: o diálogo possível. 4 ed. São Paulo: Ática, 2004.

MERLO, F.; KONRAD, G. V. R. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Informação & Informação**, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015. Disponível em:
<http://www.brapci.inf.br/v/a/17749>. Acesso em: 02 dez. 2017.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. S. Memória e identidade: um estudo preliminar sobre os usos e apropriações do passado nos documentários da TV OVO. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 45 - 61, jan./jun. 2012. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/26843>. Acesso em: 30 out. 2017.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MST. A cooperação agrícola nos assentamentos. **Caderno de Formação**, n. 20, São Paulo: MST, 1993. Disponível em:
http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Caderno%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%2020_0.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

MST. Disponível em: <http://novo.mst.org.br/projeto-popula/>. Acesso em: 27 nov. 2014.

MST. **Normas Gerais e princípios organizativos do MST**. São Paulo: MST, 2016.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

OLIVEIRA, M.C. G. O uso social da informação na rede de desenvolvimento de Santo Amaro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. p. 1-15. Disponível em:
<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3073/2199>. Acesso em: 01 jun. 2017.

PINTO, B. V. Interdisciplinaridade na Ciência da Informação: aplicabilidade sobre a representação indexal. In: _____; CAVALCANTE, L. E.; SILVA NETO, C. (Orgs.). **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares gênese e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

RIBEIRO, L. B.; ORRICO, E. G. D.; DODEBEI, V. Wag the dog ou mera coincidência: mídia, cinema e informação produzindo a memória do futuro. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 3, 2014. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18437>. Acesso em: 1 jun. 2017.

RICHTER, E. I. S.; GARCIA, O. M. C.; PENNA, E. F. **Introdução à arquivologia**. 2. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2004.

ROMANOVSKY, L. M. Roman Jakobson: abordagem semiótica da fotografia como imagem narrativa da imigração judaica nas décadas de 30 e 40. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 5., 2009, Campinas, SP. **Atas...** Campinas: UNICAMP, 2009. p. 362-369. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cha/eha/atas/2009/ROMANOVSKY,%20Ludmila%20Menezes%20-%20VEHA.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.

SILVEIRA, M. A. A. da. CAREGNATO, S. E.; BUFREM, L. S. Práticas de citação e memória coletiva: aproximações possíveis na Ciência da Informação? *Inf. Inf., Londrina*, v. 19, n. 3, p. 242 - 257, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/>. Acesso em 20 mar. 2019.

SIMIONATO, A. C.; PINHO NETO, J. L. A. S.; SANTOS, P. C. L. V. A. C. Ciência da informação, imagem e tecnologia. **Informação & Tecnologia**, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19473>. Acesso em: 03 jun. 2017.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, H. J. de. **Como se faz análise de conjuntura**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

THIESEN, I. Informação, verdade e conhecimento: memórias em litígio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14. 2013, Local. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. P. 1-12. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3073/2199>. Acesso em 20 mar. 2019.

ZONTA, M. Sem Terra iniciam acampamento em memória do Massacre de Eldorado dos Carajás. MST, 11 abr. 2014. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2014/04/11/sem-terra-iniciam-acampamento-em-memoria-do-massacre-de-eldorado-dos-carajas.html>. Acesso em: 01 fev. 2019.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS MILITANTES DO
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS MILITANTES DO MOVIMENTO DOS
TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) DO ESTADO DO CEARÁ**

1) Sobre o (a) entrevistado (a):

a) Nome

b) Tempo de atuação no MST

c) Acampamento/assentamento

d) Tarefa no MST

2) Perguntas aos (as) entrevistados (as) sobre as fotografias para compor os relatos orais:

a) Quem, qual ou quais os atores presentes na foto?

b) O que se visualiza?

c) Como está ou estão dispostos?

d) Onde está, estão ou ocorre o acontecimento?

e) Quando ocorreu o acontecimento?

f) Por que age (m), ocorre ou se realiza o ato ou acontecimento?

g) Há algo de significativo nesse registro ou alguma lembrança relevante, que esteja viva na memória?

**APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE USO DA IMAGEM CONCEDIDA PELO SETOR
DE COMUNICAÇÃO DO MOVIMENTOS DOS TRABALHADORES RURAIS SEM
TERRA (MST) NO ESTADO DO CEARÁ**



DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____ Cordenador
(a) do Setor de Comunicação localizado na Secretaria Estadual, na cidade de Fortaleza - CE do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do estado do Ceará (a), portador(a) do RG nº _____, inscrito (a) no CPF sob o nº _____, residente e domiciliado na Rua/Avenida _____, nº _____, bairro _____, no município de _____, Estado do Ceará, autorizo a pesquisadora _____, portador(a) do RG nº _____, inscrita no CPF sob o nº _____ a veicular qualquer imagem existente no acervo fotográfico impresso do referido Setor para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem qualquer ônus e restrições

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Fortaleza, Ceará, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do (a) Coordenador (a)

ANEXO A – REGISTRO DO MASSACRE DO ELTORADO DOS CARAJÁS

Fotografia 18 - Massacre do Eldorado dos Carajás



Velório das vítimas do Massacre do Eldorado dos Carajás

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/armazemmemoria/albums/72157656542038645>

Foto: Sebastião Salgado

ANEXO B – QUADRO DE RESUMO DAS DIFERENÇAS ENTRE COOPERATIVA TRADICIONAL E COOPERATIVA DOS ASSENTAMENTOS

10.3. RESUMO DAS DIFERENÇAS ENTRE COOPERATIVA TRADICIONAL E DOS ASSENTADOS

CARACTERÍSTICAS	COOPERATIVA TRADICIONAL	COOPERATIVA DOS ASSENTADOS
SÓCIOS	Empresários rurais Pequenos produtores Pequenos proprietários	Pequenos produtores (assentados ou não) e suas famílias
CLASSE	Burgueses junto com trabalhadores	Somente trabalhadores
QUEM TRABALHA	Assalariados ou empregados permanentes e temporários (relação patrão/empregado)	Os próprios sócios Assalariados temporários, somente quando falta mão de obra
RAMO DE ATIVIDADES	Comércio Agroindústria	Produção agropecuária Comercialização Agroindústria
PODER DE GESTÃO	A minoria que detém o maior capital controla a diretoria e toma as decisões	A maioria decide sobre tudo o que acontece na cooperativa
FORMA DE PARTICIPAÇÃO DOS SÓCIOS	Assembléias anuais	Assembléias mensais Conselho diretor Conselho de representantes dos setores
DISTRIBUIÇÃO DAS SOBRES	Os associados não tem como controlar Acontece através de prestação de serviços aos associados e através dos fundos previstos em lei	A decisão é do coletivo Geralmente acontece em função da quantidade e qualidade do trabalho realizado e em função da liberação de militares para o MST Acontece através de serviços Valores em dinheiro e espécie, e também através dos fundos previstos em lei
PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES	De cima para baixo (Os burocratas e a diretoria fazem)	De baixo para cima (Cada setor faz seu plano de trabalho que deverá ser aprovado em assembléia)
INOVAÇÃO TECNOLÓGICA X GERAÇÃO DE EMPREGOS	Por atacar assalariados, ao adotar novas tecnologias tende a agir como empresa privada, dispensando alguns empregados	Por não poder despedir sócios e nem ter mão-de-obra ociosa, ao introduzir novas tecnologias busca diversificar a produção para manter o pleno emprego
ACESSO ÀS INFORMAÇÕES	Quase nenhuma. Editais, balanços complicados, jornais de propaganda	Total: editais, balanço, jornal interno, mural de trabalho, informe e balanço crítico geral da empresa
RESULTADO SOCIAL	Mantém a tendência de concentração de renda e de propriedade, estimulando a expulsão dos trabalhadores do campo	Possibilita o desenvolvimento rural baseado na melhoria de vida de toda a população do campo

ANEXO C - LINHAS POLÍTICAS DE GÊNERO DO MST¹⁸

1. Garantir que o cadastro e o documento de concessão de uso da terra sejam em nome do homem e da mulher;
2. Assegurar que os recursos e projetos da organização sejam discutidos por toda a família (homem, mulher e filhos que trabalham), e que os documentos sejam assinados e a execução e controle também sejam realizados pelo conjunto da família;
3. Incentivar a efetiva participação das mulheres no planejamento das linhas de produção, na execução do trabalho produtivo, na administração das atividades e no controle dos resultados;
4. Em todas as atividades de formação e capacitação, de todos os setores do MST, assegurar que haja 50% de participação de homens e 50% de mulheres;
5. Garantir que em todos os núcleos de base dos acampamentos e assentamentos tenha um coordenador e uma coordenadora que, de fato, coordene as discussões, estudos e encaminhamentos do núcleo, e que participe de todas as atividades como representante da instância;
6. Garantir que em todas as atividades do MST, de todos os setores e instâncias, tenha ciranda infantil para possibilitar a efetiva participação da família;
7. Assegurar a realização de atividades de formação sobre o tema gênero e classe em todos os setores e instâncias do MST, desde o núcleo de base até a direção nacional;
8. Garantir a participação das mulheres na Frente de Massa e Setor de Produção e Cooperação e Meio Ambiente para incentivar as mulheres a ir para o acampamento, participar das atividades no processo de luta, e ser ativa nos assentamentos;
9. Realizar a discussão de cooperação de forma ampla, procurando estimular mecanismos que liberam a família de penosos trabalhos domésticos cotidianos, como refeitórios, lavanderias etc., comunitários;

¹⁸ Trecho retirado do documento: O Setor de Gênero do MST. Disponível em: <<http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8247.html> 4/4>. Acesso em: 05 fev. 2018.

10. Garantir que as mulheres sejam sócias de cooperativas e associações com igualdade na remuneração das horas trabalhadas, na administração, planejamento e na discussão política e econômica;
11. Combater todas as formas de violência, particularmente contra as mulheres e crianças que são as maiores vítimas de violência no capitalismo.